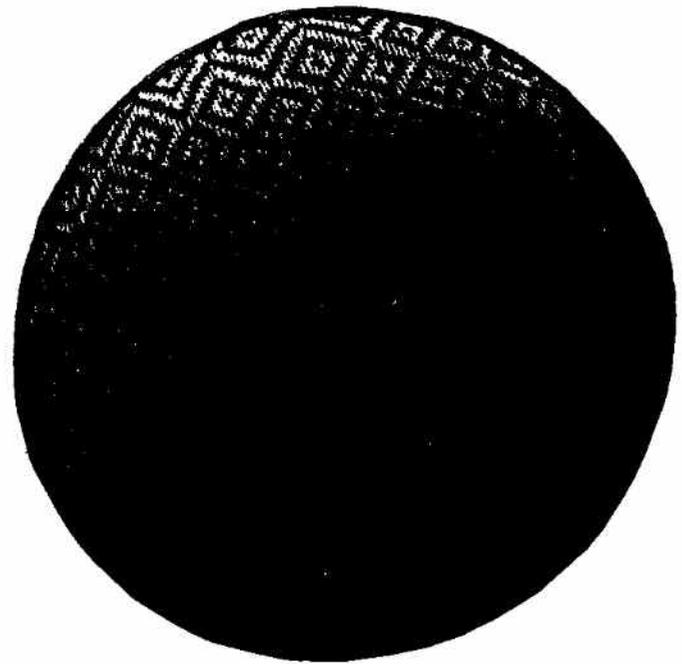


INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL		
Data	/	/
Cod.	C 30.000.00	

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

PROGRAMA XINGU



**Relatório Sobre o Levantamento dos Sistemas de
Produção da Aldeia Capivara, Etnia Kayabi.
PARQUE INDÍGENA DO XINGU, MT.**

ELI LINO DE JESUS, Engº Agrº, MSc

KLINTON VIEIRA SENRA, Antropólogo, MSc

Setembro/Dezembro-1996

ÍNDICE

Introdução.....	03
Objetivos.....	04
A Aldeia Capivara.....	04
Organização Social.....	20
A Visão Sobre a Terra de Origem.....	30
O Sistema de Produção Agrícola Kayabi.....	32
Principais Espécies e Variedades Cultivadas na Aldeia Capivara.....	37
Solos e Fertilidade dos Solos da Aldeia Capivara.....	43
Conclusões e Recomendações.....	47
Bibliografia.....	49
Anexos.....	51

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no contexto das atividades do ISA (Instituto Socioambiental), que, desde Março de 1996, incorporou a AVA (Associação Vida e Ambiente), ONG que já há cerca de dois anos vinha executando um trabalho ligado a atividades produtivas no Parque Indígena do Xingu (PIX), chamado de “Projeto de Comercialização”.

Devido a pouca acumulação de informações sobre os sistemas de produção das diferentes etnias que habitam o PIX, resolveu-se dar início a um processo de acúmulo de informações sobre esses sistemas, através de um primeiro estudo com o povo Kayabi. Segundo André Villas Boas (1996; comunicação pessoal), as seguintes características definiram a escolha em favor dos Kayabi:

- a) Constituem o maior contingente populacional do PIX;
- b) Possuem grande número de aldeias, distribuídas entre os rios Xingu, Manissauá-Missú e o Arraias;
- c) São agricultores experimentados e diversificados, amplamente reconhecidos;
- d) Estão bastante envolvidos nas atividades ligadas ao “Projeto de Comercialização”, incluindo forte liderança no que toca a ATIX (Associação Terra Indígena do Xingu).

O outro fato marcante com relação a esta etnia, que motiva e tem implicações diretas e profundas no esforço de acumulação de informações a seu respeito, está ligado à sua história recente. Os Kayabi não são originários da região do rio Xingu para onde foram translocados a partir da década de cinquenta com a criação do Parque Nacional do Xingu (posteriormente Parque Indígena do Xingu). Esse fato cria uma perspectiva bastante singular no tocante aos estudos etnoecológicos e etnoagronômicos, na medida em que abre-se a possibilidade de estudar o custo social e ambiental da adaptação desse povo ao seu novo ambiente, nos últimos anos, além de poder comparar esse processo, com populações remanescentes do local de origem, as quais recusaram-se a seguir para o PIX.

2. OBJETIVOS:

O presente trabalho tem por objetivo, responder algumas das seguintes questões:

- a) Conhecer e compreender o Sistema Agrícola Kayabi (SAK);
- b) Relacionar o SAK com o sistema anteriormente adotado, na região de origem dos Kayabí, i.e. na bacia do rio Teles Pires e adjacências;
- c) Inferir a sustentabilidade e estabilidade do SAK e estabelecer um diálogo entre esse e a Agroecologia, de maneira a, se possível, melhorar sua sustentabilidade e estabilidade;
- d) Conhecer as necessidades de consumo de produtos externos pelos membros da comunidade e correlacionar essa necessidade com o potencial de comercialização de produtos indígenas produzidos;
- e) Apresentar um painel sobre a organização social e o histórico das aldeias.

3. A ALDEIA CAPIVARA

O núcleo original que veio a formar a atual aldeia Capivara foi transferido, por iniciativa dos líderes da Expedição Roncador-Xingu, da região do Rio dos Peixes em 1966 e compunha-se de aproximadamente 32 indivíduos¹. Destes, cerca de vinte eram da maloca de Temeoni, um chefe até hoje reverenciado como grande conhecedor de mitos, histórias, etc., e identificado como o formador e a origem da aldeia. Ao realizar um levantamento da população da aldeia em 1982, Travassos assinala que das então 9 casas regularmente habitadas, 5 eram ocupadas por pessoas que no passado teriam morado juntas em uma única maloca, sendo este núcleo formado pelos filhos, genros, noras e netos de Temeoni (Travassos 1984: 32). Isto para identificar apenas os mais próximos, pois de fato praticamente toda a aldeia estava ligada por algum laço de parentesco a este grande líder,

¹ Um apanhado geral da história do contato Kayabi com os brancos, e por fim sua transferência para o PIX, pode ser encontrado em Grunberg 1969.

conforme podemos observar pelo diagrama apresentado pela pesquisadora (Travassos 1984: 30). Atualmente o quadro não é muito diferente, como pode ser observado na genealogia da aldeia apresentada em anexo.

Em 1982 a aldeia compunha-se de 11 casas, sendo que destas, 9 eram ocupadas por residentes fixos (Travassos 1984: 32). Estes números indicam uma média de aproximadamente 7 indivíduos por casa no início da década de 80. Atualmente a aldeia conta com 16 casas e uma média de 8,5 indivíduos por residência. Segundo nos conta Grunberg (1969: 67), imediatamente antes da partida do grupo do rio dos Peixes para o Xingu em 1966, a maloca de Temeoni compunha-se de duas casas e 19 pessoas com média de 9,5 habitantes por unidade. Como se vê, em termos de média de habitantes por casa a situação não mudou muito. Mas é bom lembrar que na época do trabalho de Grunberg o grupo já havia sofrido uma forte depopulação resultante do contato sistemático iniciado anteriormente. O mais provável é que cada casa abrigasse um número bem maior de moradores, principalmente tendo em vista o tamanho das mesmas e a tendência a se agrupar a família extensa.

Esta média relativamente estável de habitantes por casa na verdade esconde uma grande variabilidade, pelo menos no caso da Capivara. Nesta aldeia existem três casas com apenas 4 moradores e outras três com apenas cinco, enquanto algumas têm 12, 15 e 18 pessoas. Esta variabilidade deve-se a vários fatores que podem explicar cada caso. Como tendência geral, observa-se uma maior propensão atual dos jovens casais a construir suas próprias moradias quando do nascimento dos primeiros filhos, o que ocasiona a existência de moradias com apenas 4 pessoas. Como as casas atuais são bem menores que o padrão tradicional dos Kayabi (ver a seguir), há inevitavelmente uma tendência a que os jovens casais construam suas próprias moradias. É preciso, entretanto, ressaltar que o fato de construir uma casa para sua própria família nuclear não implica de forma alguma o rompimento, e em muitos casos nem mesmo o relaxamento, das relações e obrigações do genro para com seu sogro, traço marcante da sociedade Kayabi.

Travassos também observou que era comum que os moradores tivessem casas em outros lugares e às vezes morassem alternadamente na aldeia e no PI Diauarum. Também era comum que mantivessem casas menores localizadas do outro lado do rio Xingu

ocupadas sazonalmente para atividades de pesca, caça, plantio, colheita e processamento de produtos agrícolas (Travassos 1984: 32; Ribeiro 1978). Em uma viagem ao Teles Pires, realizada em 1915, o oficial da comissão Rondon Pyrineus de Souza observou a existência de cabanas Kayabi situadas às margens do rio. Estas cabanas temporárias eram destinadas à pesca e possivelmente também para atividades agrícolas. Como não encontrou nenhuma aldeia Kayabi, Pyrineus de Souza concluiu que os índios morassem afastados do curso do rio principal (Nimuendajú 1948).

O costume de construir malocas localizadas longe da aldeia, utilizadas para atividades agrícolas ou de pesca persiste até hoje, conforme pudemos verificar durante nossa viagem. Durante nossa estadia tivemos a oportunidade de conhecer um destes acampamentos localizado a cerca de 1 hora de barco e caminhada da aldeia. Segundo os informantes, no período das chuvas seria possível chegar muito mais facilmente a este lugar, já que poderíamos alcançá-lo utilizando apenas o barco a motor. Porém, durante o mês de setembro, com o rio bastante baixo, fomos obrigados a deixar o barco em um braço do rio e seguir a pé por cerca de 40 minutos dentro da mata até alcançar a área. Este fator pode dificultar a utilização dos produtos destas roças em uma escala maior durante metade do ano, pois as dificuldades de transporte são evidentes. Os índios consideram essas terras localizadas do outro lado do rio Xingu como estando entre as melhores que conhecem na região utilizando-as para diversos tipos de plantio. Segundo informações, no passado, quando os Kayabi se encontravam mais dispersos pelo Parque em unidades familiares menores, esta área teria sido ocupada mais intermitentemente. Estes dados, porém, ainda precisam de confirmação. Ao contrário do que afirma Travassos (1984: 32), a casa que tivemos oportunidade de conhecer não tinha um caráter de abrigo e não era pequena ou rudimentar. De fato, esta em nada se diferenciava das casas localizadas na aldeia como pode-se ver em uma das fotografias. Acreditamos que esta região não tenha sido escolhida para a construção de uma aldeia devido ao fato de estar mais sujeita a inundações, obrigando assim os índios a morarem mais longe do rio principal o que seria inviável devido aos cada vez mais constantes deslocamentos. Quanto à qualidade dos solos, análises mais detalhadas deverão ser efetuadas para se confrontar com a opinião dos índios (ver resultado das análises dos solos coletados).

Desde a visita de Travassos à aldeia em 1982, houve um total reordenamento espacial da mesma, basicamente em função da necessidade de construir mais casas. Confrontando o mapa apresentado por esta autora (1984: 33) com o por nós confeccionado na recente viagem, observamos que a disposição atual das casas é muito mais ordenada, fruto de um planejamento levado a cabo quando da modificação da aldeia. Como podemos ver no mapa (ver anexos), a aldeia conta atualmente com 16 casas, grosso modo ordenadas nos três lados de um retângulo imaginário (o lado direito é mais irregular devido a presença de um braço do rio). As casas 13 e 16 são as construções mais recentes e começam a desequilibrar a simetria imaginada, fato este que não passa despercebido aos Kayabi. Também as casas 14 e 15 estão localizadas de maneira assimétrica, sendo também alvo de alguns comentários (a casa 14 será objeto de comentários específicos devido a suas peculiaridades). Mas estas casas são mais antigas e parecem ter ficado na mesma posição quando do reordenamento da aldeia. A configuração espacial da aldeia é pensada de modo a deixar um grande pátio central². Este é muito limpo e bem cuidado, orgulho dos Kayabi da aldeia Capivara que ocasionalmente comentam sobre como o limpam totalmente arrancando todas as árvores e matos. As aldeias Kayabi do PIX têm a reputação de serem muito limpas, fato conhecido e apreciado pelos índios e que chamou a atenção daqueles que os conheceram (e.g. Ribeiro 1978).

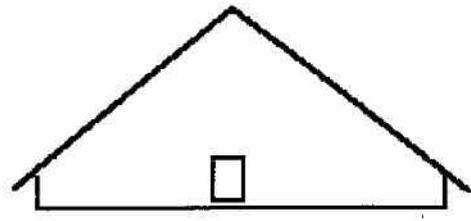
A casa de número 14 é a única da aldeia que se aproxima do estilo tradicional dos Kayabi. Trata-se de uma casa grande, com cerca de 24 metros de comprimento e 13 de largura, habitada atualmente por 18 pessoas. É uma casa de duas águas, com o telhado indo até quase o chão e uma parede lateral bem pequena. Segundo Grunberg, no passado as casas não tinham parede lateral e os telhados encostariam no chão fechando-as lateralmente (1967). As duas extremidades da casa são retas, formando assim um triângulo quando vista de frente, e não arredondadas como as das demais. Também as divisões internas da casa

² Esta organização espacial da aldeia com um pátio central bem definido não é muito característica dos povos Tupi. A aldeia Araweté, por exemplo, é bastante desordenada espacialmente (Viveiros de Castro 1986). O pátio central é bastante característico das aldeias do Alto Xingu e também dos grupos de língua Gê (Hackenberger 1996). Futuras pesquisas poderão indicar qual o padrão tradicional de organização espacial das aldeias Kayabi.

grande são diferentes das demais, conforme ilustrado em sua planta baixa apresentada a seguir.

Grunberg, em um artigo de 1967 sobre cultura material, descreve uma destas tradicionais casas Kayabi. Tal descrição poderia se aplicar perfeitamente à casa de número 14 de nosso mapa da aldeia Capivara (mapa em anexo). Segundo nos relata o autor, “reconhece-se de imediato a severa tripartição do espaço, também visível na planta baixa: no centro, uma superfície retangular totalmente livre que se estende da frente até os fundos, serve de passagem e de local de danças. À direita e à esquerda encontram-se os compartimentos de habitação, cada qual provido de um fogo central, em torno do qual se dispõem, num polígono bastante regular, as redes, amarradas respectivamente na viga mestre e no revestimento lateral da casa”(Grunberg [1967] 1996: 105). O processo de construção também parece ser exatamente o mesmo (ibid: 104)³. Diferentemente da casa descrita por Grunberg, a da aldeia Capivara dispõe de apenas um fogo utilizado por todos os seus membros.

³ As informações sobre as dimensões da casa descrita por Grunberg precisam de confirmação. Caso sejam confirmadas indicaram que a casa da aldeia Capivara tem o dobro do tamanho da casa encontrada pelo pesquisador em 1966 no rio Tatuy.



Vista Frontal

Coz.	Tewit	Dispensa Amendoim	Dispensa
Porta	Corredor		Porta
Kainan	Yawot	Djwacary	Takaperun

Planta Baixa da Casa Grande Mostrando as Repartições Internas

Todas as demais casas obedecem a um estilo que se tornou padronizado nesta região do Parque sendo encontrado também nas aldeias Suyá, Juruna e Panará, dentre as que pudemos conhecer. São casas com paredes de troncos até pouco menos de 2 metros de altura, com uma cumeeira central de uns cinco metros. São cobertas de palha da palmeira inajá e possuem as extremidades arredondadas, o que em algumas casas pode servir para uma divisão interna em dois cômodos utilizados como “quartos” e/ou cozinhas.

A casa grande, como os próprios Kayabi usualmente referem-se à casa 14, é utilizada para a realização das festas tradicionais como o *jawaci* e também para os forrós capitaneados pelos jovens da aldeia. Os Kayabi são fortemente contrários à realização de suas festividades no pátio aberto.

Como as casas são relativamente pequenas, e devido ao medo de incêndios, os Kayabi passaram a construir uma cozinha separada da casa. Esta construção se assemelha à casa, embora seja mais descuidada. Em alguns casos pode transformar-se em um ponto de reunião da família extensa durante as refeições.

3.1. Circuito das Casas

Casa 1 - habitada por Jywapãn sua mulher e dois filhos pequenos. Jywapãn é sobrinho do Kupeap e genro do atual cacique Canísio. Sua casa é na verdade um prolongamento da casa deste último não se constituindo em uma verdadeira unidade autônoma.

Casa 2 - habitada pela família de Canísio, o cacique da aldeia. Nesta casa estão todos os seus filhos solteiros.

Casa 3 - habitada pela família nuclear de Pan, casado com a irmã da mulher do Canísio.

Casa 4 - habitada pela família nuclear de Perun. Moram também nesta casa o sogro de Perun, Kupeap, sua mulher, além de uma filha destes dois últimos, mãe de quatro crianças, que foi abandonada pelo marido. Neste caso foi o sogro que, depois de velho, foi morar com o genro, pois Kupeap morava em outra casa anteriormente. O marido que abandonou a filha de Kupeap vem a ser Massi, irmão de Perun e que agora mora no Tatuy.

Casa 5 - habitada pela família nuclear de Pofat. O sogro mora no Tatuy e Pofat preferiu ficar na aldeia de seus pais e irmãos.

Casa 6 - habitada pelas famílias de Peá e Vaireraí (filho). O sogro de Vaireraí também mora no Tatuy⁴.

Casa 7 - habitada pela família de Awatat.

Casa 8 - habitada pela família de Kupeianin e Yemu (filho).

Casa 9 - habitada pela família nuclear de Yefuká. O sogro é Jawary (o sogro real já faleceu) morador da casa 15 onde Yefuká morou algum tempo depois de casado. Durante nossa pesquisa, Jawary e seu outro genro que mora com ele viajaram e Yefuká voltou temporariamente a residir (na verdade ficava entre uma casa e outra) na casa de sua sogra para, segundo suas próprias palavras, "cuidar da velha".

Casa 10 - habitada pela família nuclear de Yawaret. O sogro mora na aldeia do Pequizal.

Casa 11 - habitada pela família nuclear de Foi. Seu sogro é o Cuiabano que atualmente reside na "fazenda Maraká"⁵.

Casa 12 - habitada pela família nuclear de Puami (Funai), irmão de Foi.

Casa 13 - habitada pela família de Nicolau, Edmar (filho), Tekuá (genro) e Tauakatu (cunhado do Edmar). Trata-se de uma família bem diferente das demais que moram na aldeia. Nicolau é um homem de uns 45 anos que estudou em vários colégios guiado pelos padres, chegando mesmo a frequentar um colégio em São Paulo, segundo suas próprias informações. Além dele e da mulher, todos os filhos tem nomes em português e duas de suas filhas têm filhos com homens brancos. Esta família veio recentemente para a aldeia (cerca de 2 a 3 anos) em meio a muitas controvérsias. Moravam no Tatuy onde Edmar (conhecido na aldeia como 'Preto') foi acusado de assassinar um outro índio. Segundo contam os informantes, o rapaz teria inclusive ficado preso (creio que o crime tenha sido cometido fora da reserva e a identificação do rapaz como índio não era clara) algum tempo sendo depois

⁴ Quando de nossa primeira visita à aldeia em setembro de 1996 os moradores desta casa encontravam-se em viagem ao rio Tatuy. Posteriormente sabemos que Peá veio a falecer e a casa foi incendiada. Seus moradores, com exceção da viúva de Peá, devem fixar residência na reserva do rio Tatuy.

⁵ Por ocasião de nossa segunda visita à aldeia Capivara, Foi encontrava-se residindo na "fazenda Maraká" junto a seu sogro Cuiabano. Não foi possível confirmar se fixaria residência neste local ou se voltaria para a aldeia Capivara.

obrigado a deixar a reserva Kayabi do Tatuy indo morar na aldeia Capivara. Não sabemos exatamente quais os detalhes que cercam todo este episódio e nem porque vieram parar nesta aldeia. Segundo os relatos, Canísio empenhou-se pessoalmente nesta transferência (atualmente um dos filhos de Canísio está casado com uma filha do Nicolau) que ainda hoje não é vista com bons olhos por grande parte dos moradores da aldeia. É possível que tenha sido o irmão de Canísio, cacique no Tatuy, que pediu a este para abrigar a família de Nicolau na Capivara. Será preciso estabelecer melhor os laços de parentesco de Nicolau com alguns moradores da aldeia para compreender melhor esta transferência. É provável que esta família não permaneça muito tempo na aldeia Capivara.

Para complicar a situação, Tauakatu, cunhado de Edmar, morava no rio Arraias onde também se envolveu em alguma confusão - que ainda não pudemos entender totalmente - vindo juntar-se à família de Nicolau. Devido a toda esta situação a família de Nicolau sofre considerável segregação por parte dos demais moradores. Durante as partidas de futebol, único acontecimento mais coletivo no qual participava na aldeia, Edmar era alvo das provocações de todos os outros rapazes. Sabendo de sua condição e da agressividade de todos outros rapazes, Edmar não respondia às provocações. De uma forma geral, os membros desta família não participam de nenhum dos empreendimentos coletivos da aldeia e não frequentam a casa do rádio que funciona como ponto de encontro.

Casa 14 - habitada pela família de Takaperun, Tewit (irmão), Yawot (genro de Takaperun), Kainan (pai de Yawot) e Ywakari (genro de Yawot). Esta é a única casa verdadeiramente multifamiliar da aldeia e também a única no estilo tradicional dos Kayabi. Ainda serão necessárias novas investigações para melhor esclarecer a história desta casa, que não existia em 1982 quando Travassos fez suas pesquisas na aldeia. Nesta época já moravam juntos com Takaperun seu irmão e seu genro, mas não em uma casa grande como a atual. Uma outra particularidade cerca esta casa. É que Yawot é monitor de saúde e o único índio que recebe salário nesta aldeia. Devido a este fato, a casa dispõe de mais recursos, sendo, por exemplo, a única que possui um barco a motor próprio. Também em função desta situação observa-se uma relativa inversão na hierarquia tradicional. Apesar de ser o genro, e estar morando na casa do sogro e do irmão deste, Yawot é a figura mais visível e que parece liderar esta família extensa. Os índios referem-se a esta habitação como

‘casa grande’ ou então como a ‘casa do monitor’, mas nunca os vimos chamarem-na de ‘casa do Takaperun’.

Casa 15 - habitada pela família de Jawari e Yuru (genro).

Casa 16 - habitada pela família nuclear de Myao

Olhando a composição das casas identificamos 9 habitadas por famílias nucleares (1, 2, 3, 5, 7, 9, 10, 11 e 12), duas por pais e filho casado (6 e 8), uma por sogro, genro e filha separada (4), uma por sogro e genro (15), uma por sogro, genro, filho casado e cunhado (13) e uma por sogro, irmão e genro (14).

Focalizemos agora a distribuição espacial das casas tendo por pano de fundo a genealogia da aldeia. As casas 2, 3 e 4 são habitadas por cunhados, cujo ponto aglutinador era Domingos, sogro de Pan e Canisio e pai de Perun. Outro tipo de aglutinação das casas se dá em torno da relação pais, filhos e irmãos. Este é por exemplo o caso das casas 8 e 9, localizadas no lado oposto ao rio, onde moram Kupeianim e seu filho Yefuká, e das casas 11, 12, 14 e 16 situadas no lado direito da aldeia e que gravitam em torno da ‘casa grande’ local de moradia de Takaperun, pai dos cabeças destas outras casas.

[Confira genealogia em anexo. Obs: Neste diagrama uma família aparece em separado devido a indefinições na relação com os demais moradores da aldeia]

Segundo Travassos, além de possuírem as casas localizadas do outro lado do rio Xingu onde moravam periodicamente, alguns Kayabi também tinham casas em outros lugares e também moravam alternadamente no posto Diauarum e na aldeia. cremos que atualmente seja menos comum que tenham casas em outras aldeias ou no posto, embora viagem com frequência devido às maiores facilidades de locomoção. Os Kayabi gostam de viajar e passar uns tempos em outros locais, mas não nos parece que mantenham casas independentes em outras localidades, com exceção daquelas localizadas do outro lado do rio.

A grande modificação na interrelação entre Kayabis de diferentes aldeias tem se dado com relação aqueles localizados fora do PIX. Nos últimos anos os habitantes da aldeia Capivara têm desenvolvido um crescente intercâmbio com seus parentes localizados no Rio Tatuy (conhecido como rio dos Peixes pelos brancos). Travassos relata que durante muitos

anos o contato com os remanescentes do Tatuy foi praticamente inexistente. Em fins da década de 70 foi realizada uma primeira visita dos Kayabi xinguanos a seus parentes o que reatou o contato entre os dois grupos. Nesta ocasião gravaram um fita com informes, recados, pedidos de presentes, que foi enviada ao Tatuy e posteriormente respondida por intermédio de outra fita. Desde essa época os Kayabi faziam planos de realizar uma longa viagem do Xingu ao Rio dos Peixes, e daí ao Pará, para restabelecer o contato entre os três grupos divididos (Travassos 1984: 25).

Desde então, o contato dos Kayabi com o pessoal do Tatuy intensificou-se em vários sentidos. Vários casamentos têm sido realizados entre pessoas das duas regiões e é comum que famílias da aldeia Capivara passem alguns meses do ano na reserva Kayabi do rio dos Peixes. Não conhecemos a situação das outras aldeias Kayabi do PIX, mas acreditamos que os Kayabi da aldeia Capivara sejam os que mais se identificam com um grupo localizado fora do Parque. Isto se deve a alguns fatores básicos. Como foi salientado anteriormente, os fundadores desta aldeia são praticamente todos originários de uma maloca outrora localizada no rio dos Peixes (embora não saibamos se exatamente onde hoje se localiza a reserva Kayabi) onde permaneceram alguns de seus parentes. Além do mais, por uma razão ainda mais óbvia, não existe área indígena Kayabi na região do rio Teles Pires de onde vieram a maioria dos atuais habitantes do PIX, exceto a localizada no Pará, mas cujos índios transferidos não lograram estabelecer uma aldeia independente.

Embora tenha havido uma agregação de pessoas em unidades maiores que as tradicionais (para a época imediatamente anterior à transferência) esta tendeu a englobar os indivíduos originários de uma mesma área de ocupação anterior. Assim, as aldeias podem ser identificadas atualmente segundo sua origem ser o Rio dos Peixes ou o rio Teles Pires. Aldeias como a Tuiararé ou Kururu foram formadas por originários do alto e do baixo Teles Pires, enquanto a Capivara foi formada por famílias predominantemente originárias do Rio dos Peixes. Este modelo de transposição e posterior agregação das malocas tem várias motivações e pode ter consequências fundamentais para o entendimento da dinâmica social Kayabi.

Atualmente um outro fator tem concorrido para estreitar os laços entre a aldeia Capivara e a reserva do rio dos Peixes. É que os atuais caciques das duas localidades são

irmãos (na verdade essa informação ainda precisa ser confirmada) e têm procurado intensificar suas relações. O último e significativo ato desta aproximação foi a aquisição de um rádio de comunicação - conseguido pelo pessoal da Capivara com o 'pessoal do alto', como eles mesmo se referem aos índios do Alto Xingu - que foi levado para o rio dos Peixes já que lá não dispunham de tal equipamento. Tão logo o rádio chegou ao seu destino foi ligado e agora os Kayabi comunicam-se duas vezes por dia com seus parentes, tenham ou não algum assunto relevante a tratar.

3.1. Demografia da Aldeia Capivara

Em outubro de 1966, data da última grande transferência de Kayabis para o PIX (cerca de 44 pessoas), Grunberg estimou a população total destes índios dentro do Parque em cerca de 179 indivíduos. Na mesma data o núcleo originário da aldeia Capivara compunha-se de 32 pessoas e já era o maior grupo residencial dentro do parque (Grunberg 1969: 68, Travassos 1984: 28). Atualmente a população total deste grupo no PIX é de aproximadamente 650 indivíduos, conforme censo realizado pela EPM (Escola Paulista de Medicina). Ou seja, segundo estas figuras, a população Kayabi do PIX mais que triplicou de tamanho em um período de trinta anos revelando um índice de crescimento muito elevado (é bom lembrar que durante este período outras famílias se dirigiram para o Parque, mas em pequeno número).

Os dados relativos a aldeia Capivara também revelam uma forte taxa de crescimento passando de cerca de 32 indivíduos em 1966 para os atuais 136 moradores regulares, ou seja, uma população quatro vezes maior no período de trinta anos. Em 1982 Travassos recenseou a população da aldeia em 76 indivíduos o que nos permite dizer que a população dobra a cada 15 anos aproximadamente (Travassos 1984: 30)⁶. É fundamental que se considere este nível de crescimento demográfico ao se debater a implantação de qualquer projeto econômico entre os Kayabi, seja a curto ou a médio-longo prazo.

⁶ Mesma figura encontrada por pesquisadores entre os Enawenê-nawê (cf. OPAN 1995).

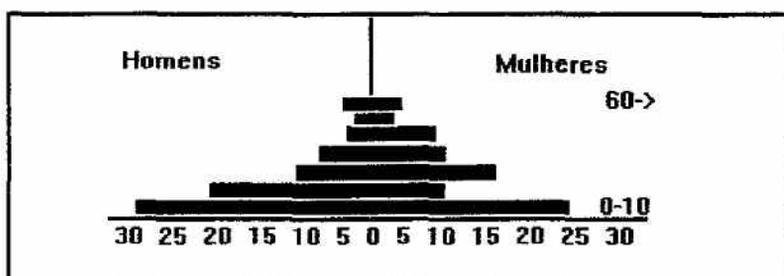
3.1.1. Estrutura Etária e Sex Ratio

No total de 76 indivíduos, recenseados por Travassos há quatorze anos atrás, haviam 42 homens e 34 mulheres, ou seja, uma razão de aproximadamente 1,2 homens para cada mulher. No levantamento realizada em nossa pesquisa apontamos a existência de 74 homens e 62 mulheres, mantendo-se assim a pequena defasagem de sexos em favor do sexo masculino, praticamente com a uma mesma razão de 1,2 para 1. Até o momento não dispomos de mais dados que nos permitam interpretar esta defasagem que parece ter se mantido pelo menos nos últimos anos.

Quanto à estrutura etária, infelizmente Travassos não fez um levantamento mais preciso a este respeito que permita uma comparação. Porém, conhecendo os atuais habitantes da aldeia e observando o diagrama de parentesco elaborado pela pesquisadora, podemos fazer algumas observações para comparação. De uma maneira, por ora necessariamente simplificada, podemos dividir a população à época em quatro categorias: os velhos casados (acima de 40/45 anos), homens maduros casados (de 25 a 40 anos), homens solteiros (de 16 a 25 anos) e rapazes/crianças (de 0 a 15 anos) (esta divisão serve apenas para uma observação da estrutura etária do grupo e não tem necessariamente relação com as classes de idade Kayabi. Para mais detalhes a este respeito veja Grunberg 1969: 123). Utilizando esta classificação teríamos o seguinte quadro: para um universo de 76 indivíduos teríamos 17 velhos, 16 homens e mulheres maduros casados, 19 homens e mulheres jovens solteiros e 24 jovens e crianças.

Em nossa pesquisa procuramos realizar um levantamento mais preciso das idades, objetivando com isso construir uma pirâmide etária que pode ser importante para entender a dinâmica desta população e que tem importantes reflexos na elaboração de projetos de desenvolvimento econômico, já que nem todos os indivíduos realizam o mesmo tipo de tarefa ou têm disponibilidade para o trabalho coletivo. Porém, um levantamento da idade precisa dos habitantes da aldeia não é uma tarefa fácil. Grande parte das pessoas não sabe suas idades e um cálculo demandaria uma análise mais complexa que por ora não foi possível realizar. Devido a esses problemas,

grande parte das idades atribuídas são apenas aproximativas e resolvemos construir a pirâmide com intervalos de 10 anos e não a cada 5 como é de costume (estas alterações podem ser responsáveis por algumas distorções no desenho). Apesar disso, consideramos relevante a apresentação destes dados por acreditar que estes têm importantes implicações na vida econômica da comunidade como anteriormente salientado. Futuras pesquisas poderão aprimorar a análise e a apresentação da estrutura etária da aldeia.



Pirâmide Etária da Aldeia Capivara out.1996

Ainda não dispomos de dados suficientes para uma interpretação mais precisa desta pirâmide etária. Porém, algumas observações podem ser feitas. Em primeiro lugar, destaca-se a base bastante alargada da pirâmide, o que revela uma população predominantemente jovem. Este quadro é em grande parte resultado da atuação das equipes médicas e das campanhas de vacinação dentro do PIX que ao longo dos anos reduziram consideravelmente as taxas de mortalidade infantil. As taxas de natalidade provavelmente também tenham subido contribuindo para esse aumento demográfico. Todavia, até o momento, não fizemos pesquisas objetivando definir este item.

Outro aspecto que chama a atenção ao olharmos a pirâmide etária é a significativa redução no número de mulheres na faixa dos 11 aos 20 anos. Este fato tem se tornado um problema para os homens jovens da aldeia que sempre comentam a respeito da falta de

mulheres para casar. Em parte devido a este problema, alguns casamentos de homens da aldeia Capivara têm se realizado com mulheres da região do rio Tatuy.

3.2. Estrutura das Aldeias atuais

Uma focalização no padrão organizacional das aldeias Kayabi do Xingu é reveladora de algumas das transformações político-sociais vivenciadas por este grupo nas últimas três ou quatro décadas. Com a transferência para o PIX, os Kayabi mantiveram um padrão de assentamento caracterizado pela dispersão em pequenas unidades familiares conforme descrito por Grunberg em suas pesquisas durante os anos sessenta. Algum tempo depois, os aldeamentos Kayabi passaram a se agregar em unidades maiores e multi-familiares, destoando assim do padrão de isolamento observado em suas regiões tradicionais de ocupação pouco antes da transferência (Grunberg 1969).

Já em 1982, Travassos chamava a atenção para o fato de que a aldeia Capivara se constituía em um novo tipo de agrupamento territorial dos índios Kayabi ao reunir um maior número de famílias que, conforme o padrão anterior de distribuição espacial, morariam separadas (Travassos 1984: 28). O agrupamento atual em unidades maiores seria o resultado da atuação de novos líderes, no caso da aldeia Capivara do cacique Canísio, conforme ele mesmo salienta, que procuraram persuadir seus parentes a virem morar juntos dentro de uma estratégia política, via de regra característica da atuação das lideranças indígenas em geral.

Algumas indicações sugerem, entretanto, que esta tendência à formação de grandes aldeias seria anterior à transferência para o PIX, fazendo parte da dinâmica política desta sociedade (Grunberg 1969). A grande fragmentação do modelo de ocupação territorial, observada principalmente a partir da década de 40, seria o quadro resultante de um momento marcado por uma *“forte tendência para a divisão da família extensa em famílias nucleares patrilocais muito autônomas economicamente, que seguiam o modelo dos seringueiros morando em choças independentes, bem próximas umas das outras, numa roça comum”* (ibid: 21). É possível, conforme também salienta Oakdale (1996: 11), que grandes aglomerados como as aldeias Capivara ou Tuiararé não sejam um padrão inteiramente novo para os Kayabi. Relatos antigos como o de Antonio Pyrineus de Souza,

oficial da comissão Rondon que percorreu a região do rio Teles Pires em 1915, sugerem a existência desde pequenos agrupamentos unifamiliares, até grandes grupos residenciais englobando mais de uma centena de pessoas (Pyrineus de Souza 1916: 76).

A transferência para o PIX, e o próprio modelo de relação entre os órgãos que atuam no parque e os índios, de certa forma criou novas condições para o refortalecimento desta tendência. Muitos índios afirmam que a reunião em grandes aldeias foi encorajada pela administração do parque, principalmente com o intuito de facilitar os tratamentos de saúde. De fato, o maior acesso aos medicamentos e aos médicos é pensado como uma das grandes vantagens da moradia em grandes aldeias e argumento utilizado pelos líderes em seus discursos ao estimularem a reunião das famílias em unidades maiores. Assim, pelo menos em certa medida, a reunião das famílias extensas em aldeias maiores pode ser creditada à necessidade de manter uma relação eficiente e constante com os órgãos administrativos, ONGs e também com os outros índios.

Períodos de maior adensamento populacional em aldeias maiores e períodos de maior pulverização da população representam dois momentos característicos da dinâmica de muitas das sociedades ameríndias. Em determinados períodos, conflitos internos podem levar à cisão da aldeia em unidades menores. Num momento posterior, devido a atuação de um líder ou a presença de alguma ameaça por exemplo, as pessoas podem se agregar novamente em comunidades maiores. Alguns autores sugerem um número em torno de 200 indivíduos como um nível crítico para a fissão das comunidades ameríndias. Esta dinâmica foi bastante enfatizada para algumas áreas, mas de uma forma geral é comum a grande parte dos grupos ameríndios, estando mergulhada na história e na sociologia de cada grupo (cf. Chagnon 1968 para os Yanomami; Carneiro 1987 para uma discussão geral). Recentemente, algumas pesquisas etnoarqueológicas têm procurado colocar em questão a visão tradicional sobre o modelo de assentamento dos grupos das terras firmes⁷, sugerindo a existência, em tempos não muito remotos, de aldeias com população superior a 2000 indivíduos (e.g. Heckenberger 1996).

⁷ Há uma grande discussão na literatura sobre a dicotomia várzea/ terra firme que não cabe neste momento citar. No sentido empregado neste texto terra firme se opõe à várzea do rio Amazonas.

No caso dos Kayabi xinguanos parece estar havendo uma certa estabilização neste processo com a formação de aldeias maiores e mais estáveis. Isto, pelo menos em parte, pode ser creditado às novas necessidades materiais do grupo, ao modelo de relação com os órgãos que atuam no parque, e talvez até mesmo a uma escassez relativa de terras. A aldeia Capivara já tem quase vinte anos e vem apresentando um padrão de crescimento relativamente constante. No presente momento nada indica que possa acontecer uma cisão com o posterior desmembramento da aldeia em unidades menores. Contudo, é difícil fazer uma previsão do que poderá acontecer no futuro, ou inferir a partir da situação desta aldeia o que estaria ocorrendo em outras⁸. Acreditamos que os processos de cisão das aldeias continuarão, mas devido a nova realidade vivida pelos Kayabi dentro do PIX é difícil que os agrupamentos maiores venham a se cindir completamente.

4. ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Tradicionalmente a unidade básica da organização social Kayabi é a 'casa' (household). Esta unidade doméstica é guiada por um *wyriat*, aquele que toma conta do 'lugar' (*wyri*), e que no passado seria quase sempre o membro masculino mais velho. Esta unidade social usualmente consistiria do *wyriat*, sua mulher, filhos solteiros, além dos filhos casados que conseguisse manter morando com ele.

Conforme pudemos observar em nossa pesquisa, e em consonância com o relatado por outros pesquisadores (Oakdale 1996: 2; Travassos 1984: 35; Grunberg 1969:113), os Kayabi têm uma regra de residência pós-marital uxorilocal⁹. Esta regra de residência faz-se acompanhar da noção de uma obrigatoriedade por parte do marido em colaborar e trabalhar junto com seu sogro e cunhados. É esperado que os genros morem com seus parentes afins, os doadores da esposa, por um período de tempo e que cumpram o serviço da noiva (bride-

⁸ Segundo algumas informações verbais, a aldeia Tuiararé estaria caminhando para um iminente processo de desmembramento. Contudo, segundo relato de Henrique Silva (comunicação pessoal), os moradores desta aldeia teriam abandonado a idéia de desmembramento a partir de uma reunião realizada em novembro de 1996.

⁹ Para Viveiros de Castro, a uxorilocalidade 'temporária', seguida de ambi- ou neo-localidade e concebida como 'serviço da noiva' é a regra residencial mais comum entre os Tupi-Guarani (1986: 96).

service) após o casamento. Este aspecto da organização social é relativamente estável e os próprios índios enfatizam a necessidade dos genros mudarem para a casa dos sogros após o casamento como sendo um costume tipicamente Kayabi. Apesar de fazerem esta afirmação, os Kayabi também dizem que hoje em dia a relação sogro/genro “não é mais a mesma”, que “enfraqueceu”, indicando que reconhecem um certo relaxamento nas obrigações que outrora acompanhavam esta regra de residência.

Segundo nos conta Grunberg, os genros seriam incumbidos de tarefas econômicas pelo pai da esposa que dominaria os interesses do convívio social da família. Com a morte do sogro *“oferece-se ao homem que entrou na família a possibilidade de formar uma nova família extensa com os próprios filhos e irmãos solteiros de sua esposa. Uma família extensa pode, pois, incluir tantas gerações quantas permite a duração da vida individual do ‘patriarca’.* Exceções à residência uxorilocal verificam-se nos casos em que os pais da mulher são falecidos e ela, por exemplo, foi criada pela família do irmão da mãe; então ela se transfere para a família do marido. Em outras exceções da norma descrita verifica-se que, em questões de residência marital, o prestígio social do marido ou de seu pai pode ser decisivo. Assim, pode-se constituir uma família bilocalmente extensa com a duração de três gerações” (Grunberg 1969: 113).

Acreditamos que atualmente hajam mais exceções à regra de residência pós-marital. Uma das alterações diz respeito a maior tendência atual dos jovens casais de construir suas próprias casas após o nascimento do primeiro filho. Como salientado anteriormente, o próprio modelo das atuais casas Kayabi induz a isso, pois são relativamente pequenas se comparadas com as antigas moradias destinadas às famílias extensas. Atualmente, aqueles que não constroem suas próprias casas podem inclusive ser chamados de preguiçosos pelos outros índios. Apesar desta modificação aparentemente importante, a força e o significado da relação genro/sogro em muitos sentidos permanece. Isto porque mesmo construindo uma casa separada, o genro pode continuar a orbitar em torno do sogro e a seguir suas orientações trabalhando em conjunto com ele e seus cunhados. Este é por exemplo o caso dos moradores da casa 1. Nesta residência habita uma família nuclear composta de um casal e dois filhos pequenos. O marido é Jywapã (22 anos), casado há cinco anos com Jyweté, filha do atual cacique da aldeia Canísio. Jywapã é originário da aldeia Samauma e sua

família mora atualmente no rio Arraia. Após o casamento o jovem marido morou por aproximadamente 1 ano com o sogro tendo posteriormente construído sua própria casa ao lado da casa deste. Apesar de morar com sua própria família nuclear, Jywapãn continua a trabalhar junto com seu sogro nas roças, além de outros serviços e, fato mais significativo, as duas casas possuem apenas uma cozinha onde todos comem juntos. Desta forma, Jywapãn ao trazer os produtos da roça entrega-os à sua mulher que faz a comida junto com a mãe comendo todos juntos na cozinha que é o espaço coletivo deste agregado social. Este costume de construir uma casa separada, mas que continua a orbitar em torno da casa do sogro, também já havia sido detectado por Travassos em suas pesquisas (1984: 35).

Atualmente um outro tipo de exceção à residência pós-marital uxorilocal tem se tornado comum. Com o incremento das relações com o grupo ainda residente no rio dos Peixes, os casamentos entre pessoas da aldeia Capivara com os Kayabi daquela localidade têm se tornado frequentes. Neste caso a regra de residência pós-marital pode não se aplicar, cremos que por estar em jogo não apenas uma mudança para a casa do sogro, mas também uma mudança para um local muito distante e sob vários aspectos diferente da realidade vivida no PIX. Este é por exemplo o caso de Pofat que mora na casa 5 com sua mulher e dois filhos. Seu sogro mora atualmente no rio dos Peixes, mas Pofat preferiu continuar na aldeia onde estão seus pais e irmãos e onde, ao que parece, sente-se mais seguro, embora não descarte a possibilidade de vir a morar naquela área. Este casamento teria inclusive dado origem a uma total inversão da regra de residência pós-marital, pois, de acordo com as informações, o sogro teria vindo morar na aldeia do genro logo após o casamento. Posteriormente decidiu retornar ao rio do Peixes.

Na casa 9, que estava momentaneamente desocupada quando de nossa viagem, há um outro caso de casamento de homem da aldeia Capivara com mulher do rio dos Peixes que não segue a regra de residência pós-marital. Segundo os informantes o marido preferiu morar junto com seus pais na Capivara. Toda esta família encontrava-se em viagem há alguns meses ao rio dos Peixes e, de acordo com as informações, Peá, o chefe da casa, deve voltar, mas seu filho talvez fique por lá morando com o sogro. Este relaxamento da regra de residência, pelo menos no caso dos casamentos com moradores do rio dos Peixes, pode estar dando um maior peso a motivos individuais na hora da escolha do local de moradia.

Arquivo
ISA

Simplemente um genro pode não gostar muito de seu sogro, possibilidade que via de regra sempre existiu, mas que em muitos casos devia ser relevada, e decidir continuar morando na aldeia de seus consangüíneos mais próximos, decisão esta que é muito mais fácil no caso deste parente por afinidade morar no rio dos Peixes. O quadro que ora se apresenta indica que o trânsito entre pessoas das duas localidades tende a se intensificar, seja em função de viagens temporárias seja ou por verdadeiras mudanças de moradia.

O maior relaxamento nas obrigações do genro para com o sogro também foi observado por Oakdale em suas pesquisas junto aos Kayabi da aldeia Tuiararé. Segundo ela, muitos índios afirmavam que atualmente o 'bride-service' corresponde a um tempo muito menor do que seria usual no passado (1996: 24). Entre 13 casais recentemente casados vivendo na aldeia Tuiararé, 10 moravam uxorilocalmente e 3 virilocalmente. Já entre os 19 casais que já tinham mais de um filho, 9 residiam virilocalmente, 5 uxorilocalmente e 3 neolocalmente. Estas observações levaram a pesquisadora a concluir que a residência uxorilocal nunca tenha sido o único padrão aceitável para os Kayabi após o período do 'bride-service'.

Creio que o quadro não seja muito diferente na aldeia Capivara. No momento da pesquisa só havia um casal recém-casado - cujo filho acabara de nascer - formado pelo filho do cacique Canisio e uma das filhas do Nicolau. Apesar do prestígio de seu pai, o rapaz morava com o sogro, respeitando assim a regra de uxorilocalidade¹⁰. Entre os demais casais há apenas 3 casos claros de uxorilocalidade. Acreditamos que, pelo menos no momento imediatamente posterior ao casamento, a regra de uxorilocalidade ainda seja bastante respeitada.

Em seu trabalho de 1984, Travassos considerou que os casos de neolocalidade pós casamento, observados por ela entre os Kayabi da aldeia Capivara, não significavam um enfraquecimento do papel social da família extensa (1984: 42). Cremos, porém, que os contornos da família extensa podem estar se tornando mais difusos ao passo em que os da família nuclear tornam-se mais claros e marcados.

¹⁰ Usualmente os filhos dos 'poderosos' estão menos sujeitos a obedecer a regra de uxorilocalidade na maioria das comunidades indígenas. Esta é, entretanto, apenas uma tendência (Viveiros de Castro 1986: 96).

Esta mudança pode ser melhor observada caso focalizemos nas casas enquanto unidades produtivas. Tradicionalmente o *wyriat* organizava quase todo o trabalho agrícola de sua unidade doméstica dentro dos princípios que regem a constituição da família extensa. Anteriormente, quando os contornos da aldeia ou maloca podem ter sido os mesmos de uma família extensa ou 'casa', conduzida pela figura deste *wyriat*, a organização global da produção reproduziria, portanto, a organização das unidades. É provável que no passado os Kayabi não tivessem nenhuma atividade claramente coletiva de subsistência, pelo menos não nos moldes da que observamos atualmente e que engloba membros de várias famílias. As plantações coletivas abrangeriam apenas a coletividade da família extensa guiada por um *wyriat*. A partir das fontes bibliográficas e das conversas com os informantes não foi possível inferir que os Kayabi em algum momento tiveram roças coletivas que englobassem parcelas da população com um recorte sociológico diferente daquele da família extensa. Roças coletivas com fins cerimoniais, como por exemplo aquelas que fazem os Enawene-nawe (OPAN 1995), nunca foram observadas etnograficamente entre os Kayabi.

Em 1982 Travassos já detectara o surgimento de um novo tipo de organização do trabalho entre os Kayabi supostamente estranha à sua cultura tradicional. Incentivados pela implantação de projetos agrícolas que visavam incrementar a cultura de certos itens para a comercialização, os Kayabi passaram a organizar grandes roças coletivas. Neste empreendimento não eram os genros que trabalhavam para seus parentes afins, e sim basicamente os jovens solteiros ou recém casados que eram, digamos, emprestados pelos líderes das famílias ao cacique da aldeia que organizava o trabalho. Assim, pertencer a uma aldeia também significa prover o chefe com jovens trabalhadores. Não podemos determinar exatamente quando e onde surgiu este novo tipo de organização social do trabalho - é possível inclusive que tenha existido para outros fins no passado, como a guerra por exemplo -, mas podemos dizer que está inextricavelmente relacionado com a atual estrutura das aldeias e com o perfil dos novos líderes de quem se espera que provenha seus seguidores com os bens e serviços ocidentais tornados necessidade.

Canisio, o cacique da aldeia Capivara, foi um dos primeiros a implementar este tipo de trabalho coletivo e a abrir uma grande roça para plantar gêneros destinados à comercialização. Para este fim foi aberta uma grande roça de arroz e outra de milho. Estas

roças foram trabalhadas coletivamente pelos homens jovens da aldeia - que se autodenominam 'peões' por identificarem este tipo de organização do trabalho ao das fazendas vizinhas comandadas por capatazes - sob a chefia de Canísio. Também a colheita de grandes quantidades de banana para a venda pode ser organizada nestes moldes. Ao final do trabalho a turma de 'peões' recebe uma refeição preparada pelo chefe da turma, que não necessariamente precisa ser o cacique. Este novo tipo de organização do trabalho pôde ser observado em nossa recente viagem de campo e alguns fatores indicam que tem se tornado muito comum. Por ocasião de nossa visita, estava em construção uma casa destinada a servir de escola dentro do projeto de revitalização cultural em fase de implementação pelos Kayabi. Todo o trabalho de construção da casa foi organizado pelo professor da aldeia, Awatat, que dirigia um grupo de jovens solteiros cedidos por praticamente todas as famílias da aldeia. Diariamente a mulher de Awatat preparava uma refeição para todos os rapazes que, segundo nos consta, não recebiam nenhum outro tipo de remuneração. Apenas no dia do transporte da palha da palmeira inajá para a cobertura da casa é que os outros membros da aldeia colaboraram. Os Kayabi haviam solicitado o trator que fica no posto Diauarum para puxar a palha no meio do mato a cerca de 2 quilômetros da aldeia. Como o trator não pode ir, a palha teve de ser carregada pelas pessoas. Neste dia praticamente todos os homens que estavam disponíveis colaboraram na tarefa que realmente demandava a ajuda de todos.

Mesmo em atividades que tradicionalmente seriam realizadas pelos membros da família esta nova organização da força de trabalho têm sido utilizada. Por ocasião de uma pescaria com timbó também foi possível observar a utilização do grupo de 'peões'. Esta atividade normalmente se dá da seguinte maneira. Um homem decide bater timbó e para isso escolhe uma lagoa ou córrego. Feito isto sai para pegar o cipó e convida todas as pessoas da aldeia para a pescaria. No dia seguinte sai com sua mulher, filhos e algum outro membro masculino da família (provavelmente um cunhado) para começar a bater o timbó. Os outros moradores vão mais tarde acompanhados de suas mulheres e filhos quando os peixes começam a morrer. Todavia, em uma destas pescarias realizada na aldeia Capivara, tanto o serviço de coleta quanto o de esmagar o timbó foi realizado por alguns dos rapazes da turma

de trabalhadores de peões, que congregava pessoas diferentemente relacionadas com o 'dono do timbó'.

Atualmente os Kayabi da aldeia Capivara não estão empenhados na formação de roças claramente coletivas visando produzir produtos para a comercialização. Embora Canísio se mostre disposto e interessado em qualquer projeto deste tipo, sua visão dos empreendimentos realizados no passado não é totalmente positiva. Reclama principalmente das dificuldades encontradas com o transporte da mercadoria e da falta de sementes. A visão dos que trabalharam nesta roça coletiva também não é muito positiva. Embora ninguém questione abertamente a liderança e as ordens de Canísio, em algumas conversas reservadas pudemos notar que guardam algum ressentimento a este respeito considerando que trabalharam demais nesta roça coletiva por muito pouco.

Esta organização do trabalho estranha à cultura Kayabi contrasta e coexiste com o esquema tradicional. Neste o trabalho agrícola é realizado no âmbito de um círculo de parentesco que pode ser uma família extensa ou nuclear. Cada família nuclear possui sua roça trabalhada coletivamente pelos seus membros. O homem é o 'dono da roça' e seu nome é utilizado quando se referem a uma área específica do plantio. Uma das primeiras obrigações do homem recém-casado é abrir uma roça para sua mulher e filhos. Normalmente esta roça fica em uma área contínua ou próxima a de seu sogro. É comum que um sogro abra uma roça grande para dividir com seu genro, delimitando um trecho onde este poderá plantar. Durante o processo de derrubada e queima sogro, genro e os cunhados destes, geralmente trabalham em conjunto. Porém, o plantio e a colheita são normalmente executados pela família nuclear. Sempre que um homem vai para roça leva consigo sua mulher e alguns dos filhos que com ele colaboram.

A produção do artesanato para a venda parece uma atividade mais restrita ao círculo da família nuclear. Não observamos, por exemplo, nenhum caso em que o genro produzisse artigos de artesanato em conjunto com seu sogro. As mulheres são responsáveis pela confecção dos colares de tucum e da tecelagem do algodão, enquanto aos homens cabe a confecção dos arcos, flechas, bordunas e dos trançados. Normalmente as mulheres entregam o produto de seu trabalho a seus maridos ou pais, caso sejam solteiras, que se encarregam da troca ou comercialização. Praticamente todas as mulheres da aldeia acima de uns 10 anos

estão empenhadas na produção dos colares de tucum, atividade na qual empregam algumas horas todos os dias. Já a atividade artesanal dos homens não é tão constante quanto a das mulheres.

A respeito do artesanato Kayabi, Ribeiro considera que os padrões dos seus antigos trançados estão entre os mais complexos da cestaria indígena brasileira (1979: 133; para uma análise dos significados semânticos dos desenhos empregados nos trançados Kayabi confira Ribeiro 1986). Segundo a autora, pelo menos doze padrões distintos, todos bastante elaborados, seriam utilizados nos trançados Kayabi. Não realizamos um trabalho específico sobre a cestaria atualmente produzida na aldeia Capivara, mas todas as peças que pudemos observar durante a fabricação tinham o mesmo padrão de desenho, o que evidentemente significa um empobrecimento frente à riqueza de formas outrora existente. Os colares de tucum em forma de animais, artigo mais produzido na aldeia, não aparecem nas descrições mais antigas sobre o artesanato Kayabi (Schmidt 1942; Grunberg 1967), o que indica tratar-se de uma técnica recentemente adquirida, possivelmente posterior à transferência para o Xingu.

O trabalho artesanal feminino mais elaborado é a tecelagem do algodão para a fabricação das redes. Uma rede demora até dois meses para ser concluída exigindo um trabalho diário e metódico. Atualmente só são fabricadas para a venda sob encomenda e sua produção em maior escala demandaria um aumento considerável da área plantada com algodão. Isto porque, segundo informações recebidas, a produção anual de uma roça de algodão é suficiente para a confecção de apenas uma ou duas redes dependendo do tamanho (para uma análise específica sobre a tecelagem Kayabi ver Ribeiro 1984-5).

Em um artigo sobre as teceiãs tupi do Xingu, mas que trata de vários aspectos da cultura material dos Kayabi (e de três outros grupos), Ribeiro enumera uma lista de 59 itens da cultura material deste grupo entre adornos corporais, utensílios domésticos, trançados, armas, etc (Ribeiro 1984-5). Destes, apenas 7 (16%) seriam fabricados exclusivamente pelas mulheres (5 artefatos de algodão e 2 de cerâmica). Com relação ao número aproximado de horas despendidas em trabalho artesanal, a autora indica um total de três horas diárias para ambos os sexos. No trabalho doméstico e de provimento da subsistência as mulheres despenderiam 9 horas enquanto os homens apenas 4 (Ibid: 366).

Não realizamos um trabalho específico de medição das horas empregadas em cada atividade. Porém, é importante observar que na listagem da autora não constam os colares de tucum em forma de animais, atualmente trabalho exclusivo das mulheres, e item mais produzido para comercialização.

4.1. Chefia

O perfil do líder Kayabi sofreu uma grande transformação nas últimas décadas. O movimento que levou à formação das grandes aldeias multi-familiares deu lugar também ao surgimento de um novo tipo de chefe Kayabi. No lugar do antigo *wyriat*, homem velho e aguerrido, cabeça de uma grande família extensa, origem mesma de sua autoridade (Grunberg 1969: 126), encontramos agora jovens líderes cuja principal virtude é a maior desenvoltura no relacionamento com os brancos. Este é o principal papel do novo líder, o de intermediador entre índios e brancos e, conseqüentemente, meio de acesso aos bens e serviços ocidentais agora tornados uma necessidade. Contudo, segundo Oakdale, esta aparente transformação no perfil do novo líder deu-se preservando certos princípios estruturais anteriores. Para a pesquisadora, *“these changes are a result of Kayabi principles of political power operating under new circumstances. The authority of senior household leaders is based on their productivity or their ability to provide for their followers. Within the Park, they have seen that providing for their followers increasingly involves access to Western goods and services and have interpreted these needs to be best met by delegating authority to younger men - men who have traditionally been most subordinate to them. The changes in leadership within the Xingu are therefore an attempt to preserve a previous system of authority”* (1996: Cap 3: 1).

Assim como o antigo chefe, o novo líder deve ‘cuidar’ de seus seguidores e seu poder está baseado em sua produtividade. Só que agora a organização do trabalho, papel do antigo e do novo líder, se dá sob formas diferentes. Para o velho líder, o núcleo aglutinador de seus seguidores era a família extensa, pessoas ligadas a ele por parentesco e por obrigações contraídas com o matrimônio (*bride-service*), que norteava a organização do agrupamento em uma unidade produtiva. Atualmente os líderes podem ter poucos filhos ou

netos, e algumas vezes nem mesmo genros quando assumem a liderança. Poucos trabalham para eles como pagamento do 'bride-service' ou os respeitam por sua senioridade. Basicamente sua autoridade advém de sua habilidade, dinamismo e iniciativa na relação com os brancos.

Este perfil é bastante condizente com o do atual chefe da aldeia Capivara. Quando assumiu a liderança há mais de 15 anos atrás, Canísio era bastante jovem e tinha apenas 4 filhos, todos solteiros. Mesmo atualmente conseguiu agregar apenas um genro sob sua influência mais direta. Já em 1966 Grunberg referia-se a Canísio como sendo "vivo e forte", tendo sido educado pelos padres em Utiarity e dominando perfeitamente o português (Grunberg 1969: 8).

Apesar de suas qualidades pessoais, Canísio (não foi possível descobrir quais foram seus pais) deve a atual chefia da aldeia também ao casamento que realizou. Seu sogro Domingos era casado com uma das filhas de Temeoni, o antigo grande líder, e ao que parece o sucedeu na chefia da aldeia. Sendo assim, Canísio entrou para o núcleo principal da família que originou a aldeia Capivara. Em uma viagem aos Kayabi realizada em 1978 Berta Ribeiro refere-se aos habitantes da aldeia Capivara como o "pessoal do Domingos". Depois dele (talvez devido a sua morte, mas é preciso verificar) ascendeu a chefe Cuiabano, como os próprios índios contam. Cuiabano é um índio que tinha, e ainda tem, muito prestígio entre os Kayabi e talvez por isso tenha assumido o posto. No entanto, sua liderança parece ter sido um pouco conturbada, caracterizando-se mais como um período de transição que definiria Canísio como o novo chefe (Travassos 1984: 31).

Segundo dizem alguns informantes, a chefia teria sido um cargo sucedido em linha paterna pelo primogênito (não há informações seguras a este respeito e, tendo em vista a situação de outros grupos tupi-guarani, é bastante improvável a existência desta regra de primogenitura). Atualmente as novas exigências no perfil do líder alteraram este procedimento. Kupeap, o filho mais velho de Temeoni e supostamente seu sucessor natural, ainda mora na aldeia, mas é uma pessoa reservada, que não domina o português e que jamais almejou o posto de chefe. Curiosamente, as últimas sucessões na chefia têm se dado entre afins, e não entre consangüíneos em linha paterna como sugeriram os informantes. Depois de Temeoni, assumiu a chefia Domingos que era seu genro. Depois deste foi a vez

de Canísio, também um genro de chefe. Tanto Temeoni quanto Domingos tinham filhos homens (dois filhos cada um) que teoricamente poderiam ter assumido a chefia mas não o fizeram.

Por analogia com a estrutura administrativa do Parque os índios criaram a figura do “assessor” ou “substituto” do chefe. Trata-se de uma pessoa que responde pela aldeia na ausência do cacique e com este colabora em algumas iniciativas. A aldeia Capivara possui dois desses “substitutos”. Um é Jawari, homem mais velho que Canísio, casado com Taangap, filha do antigo chefe Temeoni. O outro é Yefuká, um jovem de 20 anos que é monitor de saúde e que tem claras aspirações a ser o futuro chefe. Este último domina bem o português e é casado com uma filha de Taangap, fruto de um outro casamento anterior, não sendo, portanto, filha de Jawari. Porém, para todos os efeitos a relação entre Yefuká e Jawari é a mesma que se dá entre sogro e genro.

Estas são apenas algumas observações iniciais que indicam transformações no processo sucessório. Concluindo, podemos dizer que a definição do chefe atual depende de alguns fatores que se congregam. Estes são basicamente três: pertencimento a uma grande família extensa (por casamento, e não apenas por filiação, como parece indicar o caso da aldeia Capivara), desenvoltura na relação com os brancos e iniciativa pessoal.

5. A VISÃO ATUAL SOBRE A TERRA DE ORIGEM

Os Kayabi da aldeia Capivara identificam-se particularmente com seus parentes da reserva do rio dos Peixes buscando atualmente incrementar suas relações. Todavia, estas são marcadas por uma série de ambigüidades. Com a crescente intensificação do contato com seus parentes os contrastes na situação dos dois grupos têm ficado evidentes e trazido à tona essas ambigüidades.

Para os Kayabi do Xingu, seus parentes do rio dos Peixes estão muito aculturados, não sabem falar a língua, casam com brancos, não comem a comida tradicional e não realizam mais as festas. Estas observações são expostas em um tom de lamentação e tristeza, principalmente neste momento em que estão empenhados na construção de escolas

para ensinar sua própria cultura aos mais jovens e também num movimento que busca retomar terras ocupadas tradicionalmente na bacia do rio Teles Pires. Entretanto, estes comentários nem sempre são negativos e em muitos depoimentos percebe-se um vivo interesse pelo estilo de vida que levam os moradores da reserva do rio dos Peixes.

A respeito do ecossistema deixado para trás são quase unânimes ao dizer que era muito mais rico e diversificado. De fato, plantas importantes como a castanheira, o cacau e o açaí, encontrados em abundância na região segundo relatos, não são encontrados no Xingu. Mesmo a terra, segundo eles era melhor. Em uma fita gravada no Xingu em fins dos anos 70 e enviada aos parentes do rio dos Peixes, os velhos Kayabi afirmam que o Parque é “mato ruim”, referindo-se tanto a qualidade da terra quanto da vegetação, e que pretendiam voltar para a terra de origem (Travassos 1984: 25). Quanto à cobertura vegetal, parece que a região do Teles Pires e do rio dos Peixes apresenta uma maior diversidade de espécies. No que diz respeito aos solos, as amostras por nós coletadas indicam que na região utilizada pelos Kayabi da aldeia Capivara encontram-se variados tipos, indo desde alguns muito pobres em nutrientes até outros surpreendentemente férteis. A própria diversidade e abundância de cultivos dos Kayabi do Parque parecem indicar que a questão dos solos não é um fator muito limitante. No entanto, novos estudos, visando correlacionar a área disponível para plantio com o número de habitantes da aldeia, são necessários para avaliar a possível limitação imposta pela disponibilidade de solos adequados para os diferentes cultígenos Kayabi.

Em vários artigos, Carneiro tem procurado demonstrar que os solos não seriam uma fator limitante para o incremento da produção agrícola Kuikuro. Levando em consideração a área disponível para plantio e a área efetivamente utilizada por estes índios em seu modelo agrícola, Carneiro chega à conclusão de que a população de suas aldeias poderia ser superior a 2000 pessoas (Carneiro: 1985). Estas observações seriam corroboradas pelos trabalhos arqueológicos efetuados na região que atestam a existência no passado de aldeias muitos maiores (e em muito maior número) que as atuais (cf. Heckenberger 1996).

Apesar de acenarem com um movimento de retorno e reconquista das terras tradicionais, os Kayabi sentem-se seguros e adaptados no PIX após tantos anos da transferência. Perguntado sobre quem iria morar nas novas terras caso sejam conseguidas,

Canísio hesitou e mostrou-se confuso. Ele sabe que grande parte dos Kayabi não mais deixarão o Parque em outra transferência. Muitos porém podem decidir voltar, o que poderá ser mais um fato novo na história desse povo.

6. O SISTEMA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA KAYABI

Segundo Grunberg (1969), a economia Kayabi baseia-se no cultivo de tubérculos e numa coleta diversificada. Embora a mandioca (*Manioc esculenta* Kranz), seja realmente a base da economia doméstica desse povo, outras culturas agrícolas são também muito importantes, destacando-se, provavelmente, o milho (*Zea mays* L.) e o amendoim (*Arachis hypogae* L.). Entre outros cultivos, Grunberg (1969) citou:

Inhame (*Dioscorea sp*)

Batata Doce (*Ipomoea batatas*)

Feijão-fava (*Phaseolus lanatus*)

Tajá (*Xanthosoma sp.*) ?

Mangarito (*Xanthosoma sp*) ?

Banana (*Musa paradisiaca*)

Como culturas complementares, cultivada nas laterais das principais, esse mesmo autor destacou:

Abacaxi (*Ananas comosus*)

Pimenta (*Capsicum sp*)

Urucum (*Bixa orellana*)

Cabaças (*Crescentia onjete* e *Lagermathia sp*)

Algodão (*Gossipum* sp.)
Tabaco (*Nicotiana tabacum*)
Cajú (*Anarcadium occidentale*)
Cana de açúcar (*Sacharum officinarum*)
Mamão (*Carica papaya*)

O Plantio

Quando chegamos na aldeia Capivara, em 13/09/1996, as roças já estavam preparadas para o plantio, estando os Kayabino aguardo das primeiras chuvas, para iniciar a semeadura. No caso da mandioca, planta-se mesmo na ausência das chuvas, pois as manivas podem suportar algum tempo no solo. No caso do milho, isso é muito arriscado e eles preferem aguardar as primeiras chuvas, que chegam rompendo um longo período de estiagem.

Durante nossa estadia, pegamos exatamente esse momento, pois com as primeiras chuvas, iniciaram-se os plantios de milho. Dessa forma, acompanhamos tanto o plantio de mandioca, quanto de milho. Amendoim e outras plantas, são semeadas apenas após o milho, a exceção é a melancia, cujo plantio é feito antes do milho. Essa espécie não foi citada por Grunberg (1969), tendo sido provavelmente, incorporada após esse trabalho, pois na aldeia Capivara a melancia é muito apreciada. Segundo informação fornecida por Kupeap Kayabi(em entrevista com Silva, 1996), algumas melancias foram roubadas e as sementes distribuídas paulatinamente, foi o único caso de roubo, todas as outras espécies foram obtidas através de contatos amistosos.

O Preparo da Área a ser Plantada

O preparo da área é feito com uma roçada, que elimina os pequenos arbustos e os cipós, facilitando o trabalho de derrubada das árvores maiores. A roçada é feita,

normalmente com foices. A derrubada é realizada com machado de aço ("de branco"). Os Kayabis são famosos historicamente por terem dominado com maestria a técnica de construção de machados de pedra, o que lhes conferia uma superioridade sobre outros povos vizinhos. O uso desses machados foi abandonado já há bastante tempo, sendo que já nos trabalhos de Grunberg (1969), são feitas referências ao uso de machados de aço. Como a derrubada é realizada em época de seca (meses de Julho a Setembro), logo a biomassa está seca e apta a ser queimada, o que é realizado em seguida. Se necessário, é realizada uma nova queima, mas mesmo assim, troncos enormes permanecem no meio da roça, demorando bastante tempo para serem decompostos.

O resultado da queima é a produção de uma camada de cinza, que em alguns pontos atinge de 20 a 25 cm de espessura, onde os pés afundam ao deslocar-se roça adentro. Numa área de 0,5 m², coletou-se cinza para a pesagem e posterior análise em laboratório. Essa cinza pesou exatos 486 g. Em 1,0 m² ter-se-ia 972 g de cinza ou seja, quase 1,0 Kg de cinza em 1,0 m², isso daria cerca de 10 toneladas por hectare de cinza, ou para ser mais preciso, 9.720 kg por hectare de cinza (9,72 t.ha⁻¹).

Dados de Smyth (1996), demonstram que a queima de Floresta Primária, sobre um Latossolo Amarelo Álico, na Amazônia (próximo a Manaus), apresentou como resultado, 9,2 t.ha⁻¹ de cinzas. Essa cinza apresentou a seguinte quantidade de nutrientes: 80 kg de N; 6,0 kg de P; 19 kg de K; 82 kg de Ca; 22 kg de Mg; 0,2 kg de Cu; 0,2 kg de Zn; 58 kg de Fe e 2,3 kg de Mn. Já numa capoeira de 12 anos, no mesmo solo, essa contribuição caiu para: 4,8 t.h⁻¹ de cinza, apresentando 4,8 kg de N; 8 kg de P; 83 kg de K; 76 kg de Ca; 26 kg de Mg; 0,3 kg de Zn; 0,1 kg de Cu; 22 kg de Fe e 0,3 kg de Mn.

O Sistema Agrícola Kayabi

O Sistema Agrícola Kayabi(SAK), caracteriza-se pelo plantio de pequenas áreas. Em geral, não predomina o sistema de monocultivo ou a chamada monocultura. As plantações são realizadas dentro da mata em áreas de formato retangular, que não chegam a

três hectares. A mandioca é a cultura plantada de forma solteira por excelência, mas mesmo neste caso, não é feito o plantio de uma variedade apenas. Planta-se talhões de três, quatro ou mesmo cinco variedades de mandioca na mesma área. Os Kayabis consideram a mandioca uma planta pouco exigente e que produz em qualquer tipo de solo. Ouvimos por diversas vezes a afirmação : "Essa terra só presta para plantar mandioca".

Para o milho, não pode-se falar de "plantio de milho", pois constitui um verdadeiro mosaico de diferentes espécies, um verdadeiro sistema de policultivo, onde aparecem, entre outras espécies:

Milho--- Amendoim--- Cabaças--- Fava--- Algodão--- Melancia--- Urucum

Esse modelo garante uma proteção às diferentes espécies que o compõe, pois as pragas e doenças ficam bastante limitadas. Já o fato dos cultivos serem realizados dentro da floresta, minimiza esse problema. A Ciência Agrícola moderna, na busca de maiores produtividades, afastou-se dos sistemas tradicionais de policultivo, praticados por diversas civilizações antepassadas, não apenas nas Américas. O sistema moderno, busca a artificialização máxima, o controle máximo da Natureza, assentando-se no uso cada vez mais intensivo de produtos químicos (herbicidas, fungicidas, acaricidas, bactericidas, inseticidas, hormônios, fertilizantes, etc) e máquinas agrícolas. A monocultura é uma marca registrada desse modelo. Os impactos ambientais e humanos, causados por esse modelo vêm fazendo soar fortes alarmes desde os anos sessenta, no entanto os interesses econômicos tem se posicionado de forma estratégica, para não permitir mudanças globais que possam diminuir seus lucros. A última grande aposta, tem sido a da Engenharia Genética e o controle da Biodiversidade, levado a cabo pelos mesmos grupos que exploram a agroquímica atual. Esse é um ponto bastante importante no que toca as populações indígenas, pois o acervo de etnoconhecimento ambiental, agrícola, medicinal, é hoje alvo de cobiça, pois a partir da nova Lei de Propriedade intelectual, pode transformar-se em fonte de lucros.

Durante nossa estadia na aldeia Capivara, não tivemos a oportunidade de visualizar esse sistema de policultivo em seu apogeu, com todos os componentes já plantados. Acompanhamos o plantio de mandioca, milho, e observamos roças do ano anterior, onde

ainda era possível identificar os restos culturais misturados. Pela descrição feita pelos Kayabí, foi possível ter uma idéia de seu poli-sistema agrícola.

ROÇAS DE MANDIOCA

RESPONSÁVEL	ÁREA		
	m ²	ha	
Yawari Kayabí	27.192	2,72	
Yaefuká Kayabí	7.980	0,80	
Pofat Kayabí	9.600	0,96	
Canízio Kayabí	7.896	0,80	
Peá Kayabí	2.116	0,21	
Kupeiani Kayabí	16.000	1,60	
	X	11.797	1,18

Como pode-se observar, a maior área, não chega aos três hectares e a menor área é de 0,21 hectare. A média ficou em 1,18 hectare.

Se considerarmos que a produtividade média de uma roça de mandioca, estaria na faixa de 16 t.ha-1 (a partir de Jesus et al 1995, citando dados de Carneiro, 1976, para os índios Kuikuro do PIX), temos:

Dezesseis roças foram verificadas para a aldeira Capivara, com uma área média de 1,1

8 ha , podendo fornecer cada uma delas, 18,88 t de mandioca. No total, a produção poderia chegar a 302,08 toneladas (18,88 t x 16 = 302,08). Mas considerando-se que a produção da mandioca não inicia-se no mesmo ano do plantio, mas sim no segundo e terceiro anos, temos que dividir esse número por três, ou seja, há "um potencial" de produção de cerca de 100,7 toneladas de mandioca por ano.

Considerando-se que de cada tonelada de mandioca produzida, temos que descontar as partes não utilizáveis (água, casca, endoderme, etc), pode-se afirmar que de cada tonelada de mandioca produzida, obtem-se de 250 a 300 kg de farinha de mandioca. Dessa maneira, as 100,7 toneladas de mandioca disponíveis anualmente na aldeia Capivara, podem produzir entre 25,2 e 30,2 toneladas de farinha/polvilho por ano.

Se considerarmos, segundo dados de Canízio Kayabi, o consumo mensal por família de cerca de 1,25 sacos de farinha por mês, teríamos um consumo aproximado de 1.000 kg (20 sacos) de farinha por mês, se considerarmos 16 famílias ou casas. No ano teríamos um consumo de 12.000 kg (240 sacos) . Dessa forma podemos afirmar que os Kayabida aldeia Capivara, gozam de uma folga de disponibilidade de farinha de mandioca, que representa, pelo menos o dobro das suas necessidades, ficando disponíveis para possíveis imprevistos, trocas, festas, etc.

7. PRINCIPAIS ESPÉCIES E VARIEDADES CULTIVADAS NA ALDEIA CAPIVARA

VARIEDADES DE MANDIOCA CULTIVADAS NA ALDEIA CAPIVARA

Informações obtidas através de entrevista com Kupeáp Kayabipor
Geraldo M. Silva, 1996 e através das visitas a diversas roças :

1. Mandioca (manióc), com as seguintes variedades:

Maniywa kan'muku: Rama vermelha, sem galhos laterais, atingindo até 3 m de altura. É utilizada para fazer farinha (melhor variedade farinheira), rende boa produção. A cor da raiz é branca.

Maniy wytan: Um pouco fraca, acama com facilidade e vira as raízes para cima. Raiz branca, rama vermelha. Também usada para fazer farinha.

Maniy wuñi: Baixa altura (+ - 1,6 m) , podendo chegar aos 2 m em terra boa. A cor da rama é preta/marrom e a raiz é branca. Usada para fazer farinha.

Tukunaré/piawou: Rama vermelha, alta, com raiz grande (podendo atingir 2 m ou mais). É boa para fazer farinha grossa, que fica bem avermelhada.

Maniysin: Altura similar a Tukunaré, rama branca como a mandioca doce, raiz branca. É possível se confundir com a mandioca doce, tendo ocorrido morte de duas criaças em Sobradinho, em 1993, ao fazer-se perereba.

Typya: Parecida com a maniysin, como se fosse mandioca doce. Usada para fazer polvilho. A raiz é branca.

Maniakap: Mandioca doce, raiz e ramas brancas, alta.

Yakamangui~: mandioca doce, planta alta, raiz preta e grande. A raiz é mole e dá o melhor mingau.

2. Mania'tata (macaxeira), com as seguintes variedades:

Mani 'a ata sin: Macaxeira branca, planta alta, de raiz e rama branca.

Mani 'a ata ywowi: Macaxeira da cidade, folha fina, rama e raiz branca.

Mani 'a ata ywon: Rama preta, raiz amarela, pouco alta.

Obs. Seria necessário fazer um reconhecimento mais detalhado dessas variedades, procurando conhecer melhor suas qualidades, assim como permitir uma possível intervenção no sentido de melhorar o aproveitamento dessa planta.

VARIEDADES DE MILHO CULTIVADAS NA ALDEIA CAPIVARA

Milho (Awasí)

Awasí pytan: Milho vermelho

Awasí sin: Milho branco

Awasí un: Milho preto

Awasí paráp : Milho pintado (mistura de grãos de cores diferentes)

Awasí aryry: Mistura de cores, mas no mesmo padrão de grão.

Awasí fuiã : Milho de espiga curta, típico da região do Rio Tatuí

Awasí ii : Milho pipoca

Awasí uu: Milho “da cidade” ou “ do branco”

VARIEDADES DE AMENDOIM CULTIVADAS NA ALDEIA CAPIVARA

Monowí a kapesín : Apresenta um lado da semente branca e o outro lado, marrom

Monowí pywí: Apresenta a casca mole, os grãos moles, considerado de tamanho grande e cor rosada

Monowí fi : Amendoim pequeno, de cor vermelha

Monowí yakaré ap: Casca dura, lembrando o couro do jacaré, grãos grandes e brancos

Monowí teikwarapypei: Amendoim curto e grosso de várias cores no mesmo grão (branco, vermelho e marrom)

Monowí kana-uon : Apresenta vagem grande e torta, semelhante a um dedo, sementes grandes e vermelho forte. Considera-se alimento forte, adequado a quem tem idade, mais de 38 anos, pois parece fortalecer os mais velhos. “O homem não pode comê-lo caso sua esposa tenha ganho neném, ou tenha morto outro índio na guerra, correndo o risco de ficar aleijado, sentindo fortes dores”.

Monowí emyemykú: Casca grossa, mas não é difícil de quebrar, grão grande de cor rajada de marrom e branco. Parecido com awasí aryry. É plantado com um espaçamento maior (2,5 m entre covas), mesmo assim uma planta invade o espaço da outra.

Monowí jun : Amendoim “da cidade” ou “do branco”.

Tap~yjiäyt: Amendoim pequeno e de cor roxa.

Monowí runí : Muito pequeno e de cor roxa. Pode ser consumido em grandes quantidades que não causa dor de barriga nem excesso de gases. Para a mulher, causa problemas quando tem neném novo (até um mês de idade), depois o mingau (monowí kawin) pode ser consumido sem problemas.

VARIETADES DE FEIJÃO FAVA CULTIVADOS NA ALDEIA CAPIVARA

Fava, Kumaná, apresenta as seguintes variedades:

Kumaná úu : Fava grande, grão esverdeado, hábito volúvel(trepadora)

Kumaná ‘pirangi~ : Fava pequena e vermelha

Kumaná amí á : Fava grande de grão bem preto, hábito volúvel (trepadora). Seu nome significa rãzinha da lagoa, pois elas ficam amontoadas em conjunto. O mutap feito com essa fava é muito apreciado pelos Kayabí.

Kumaná ram : É parecido com o feijão da cidade, “ mas é do índio”. Hábito volúvel, de desenvolvimento pronunciado (“vai longe”). A cor da semente é rosa escura.

Kumaná í : Fava de semente pequena a média, cor preta, hábito volúvel.

Yakupe’sin : Fava grande, semente branca, hábito volúvel.

VARIETADES DE CARÁ CULTIVADAS NA ALDEIA CAPIVARA

CARÁ (KARÁ)

Kará úu : Cará grande, apresenta muitos pelos radiculares. Produz muito, com tubérculos que podem atingir até 60-80 cm de comprimento. A cor da casca é escura e a polpa é branca.

Kará ú sín: Semelhante ao anterior, apenas um pouco menor (40-60 cm).

Kará ú í : Pequeno (10 a 20 cm), casca e polpa escuras. Quando de seu cozimento, o caldo fica escuro e vermelho (semelhante a cor do suco de uva) .

Kará fú kú: Raiz comprida, até 1,5 m de comprimento, sendo difícil de retirar da terra. Raiz muito rica em pelos radiculares. Casca marrom e polpa branca.

Kará ítá: Casca marrom, polpa branca, cordiforme.

Kará py pe : Seu nome significa “ igual ao pé da gente” , com dez dedos, é parecido com Kará ítá, é o mais gostoso (meio doce) de todos.

Kará on (janyrú ka min): Seu nome significa “parecido com a cabaça fina”, usada para guardar óleo(janyrú).

Karay wa te: Carámoela ou cará alado, Produz raiz em cima de árvores, encontrado em qualquer lugar no campo.

Kará py oní: Vermelho, parece com Açaí, é apreciado por ser saboroso.

VARIETADES DE MANGARITO CULTIVADAS NA ALDEIA CAPIVARA

Mangarito (Namo á)

Tamará sín : Pequena, cor marrom , folha médio-grande, altura de 1 a 1,5 m.

Tea yp : Pequeno, folha pequena (lembra a folha do mamão), chega a cerca de 80 cm de altura.

Namoá pó : Grande, folha grande, usado quando chega neném.

Towá ú : Lembra a pata de uma onça, folha grande, planta alta.

VARIEDADES DE PIMENTA CULTIVADAS NA ALDEIA CAPIVARA

Pimenta (yk~yj)

Kyy~u~ujjn: Planta de cerca de um metro, com galhos esparramados, fruto grande. Considera-se como umapimenta fraca.

Ky~yjiãpí mukú: Parecida com a anterior, mas é pimenta forte. É colocada para secar e depois seu fruto é pilado juntamente com o sal.

Ky~yjja pira kjá : Fruto redondo.

Kyy jin : Pimenta malagueta/

VARIEDADES DE BATATA DOCE CULTIVADAS NA ALDEIA CAPIVARA

Batata Doce (Jetyk)

Jetyk piran: Cor vermelha, com tamanho de cerca de 20 cm.

Jetyk kii : Vermelha, pequena e bem doce.

Jetyk pass~i : Vermelha, de tamanho intermediário entre as anteriores. É dura após o cozimento.

Jetyk sín : Cor branca, tamanho de cerca de 20 cm.

VARIEDADES DE ABÓBORA

Abóbora (Kuirú aúu), segundo Kupeáp Kayabí, há somente “um tipo que veio do branco”.

8. SOLOS E FERTILIDADE DOS SOLOS DA ALDEIA CAPIVARA

O conceito de Fertilidade do Solo tem se ampliado consideravelmente nos últimos anos. Tradicionalmente, nas Ciências do Solo e, mais especificamente ainda na disciplina de Fertilidade do Solo, os conceitos e princípios tem sido baseados quase que exclusivamente em critérios químicos. Para uma visão mais ampliada e atual da Ciência do Solo e Fertilidade do Solo, remete-se o leitor a De Jesus (1996), visto não ser possível, no âmbito desse relato, aprofundar essa discussão. Quer-se apenas esclarecer, que embora a discussão a ser realizada sobre os solos e a fertilidade dos mesmos na região da Aldeia Capivara, esteja basicamente centrada nos resultados da análise química, esse é apenas um componente, embora muito importante da fertilidade. Seriam necessários estudos mais extensivos e intensivos sobre a micro e meso fauna dos solos, correlacionando-os com a vegetação, para obtermos um quadro mais amplo sobre essa questão.

As amostras de solo coletadas durante nossa estadia na aldeia Capivara, apresentaram os seguintes resultados:

Responsável	pH	Al	Ca + Mg	Ca	Mg	P	K	Pt
		meq. 100 ml ⁻¹					ppm	
Yawari, md	3,6	0,9	1,0	-	-	10	110	112
Kupeani, md	3,4	2,8	0,6	-	-	15	89	255
Yaefuká, mip	7,0	0,0	10,2	8,2	2,0	118	390	511
Kupeani, ban	5,3	0,0	8,9	7,3	1,6	21	66	479

Kupeaní,mip	6,3	0,0	7,3	5,6	1,7	72	94	447
Kupeaní,md	5,0	0,0	11,2	9,0	2,2	65	155	671
Tewit,md	3,7	1,3	1,0	-	-	5	46	128
Ywapã,md	3,7	1,3	0,3	-	-	4	23	96
Pofat, md	4,4	0,6	2,3	1,4	0,9	34	105	112
Juká, md	5,0	0,1	5,9	3,6	2,3	48	55	255
Palm.Inaj.	6,0	0,0	11,0	9,0	2,0	24	70	144
Canizio	4,8	0,4	3,0	1,6	1,4	24	190	144

Lab. Solos EMBRAPA-CNPAB, km 47, Seropédica, RJ.

md= Mandioca

Palm.Inaj.= Área com Palmeira de Inajá

mip= Milho, policultivo

ban= Banana

Obs. Todas as amostras com Textura Média.

A partir desses resultados da análise dos solos, podemos concluir que a fertilidade química dos mesmos varia de muito pouco fértil a muito fértil. Isso causa certa surpresa, pois esperava-se uma maior homogeneidade nos resultados, tendendo para baixa fertilidade química.

O que mais causou surpresa, foram alguns resultados de altíssima fertilidade, com P solúvel e P total elevados, zero de Al, Ca+Mg alto, e pH neutro, ou muito próximo da neutralidade. Pelo menos três resultados se enquadram nessa situação, estando não apenas entre os melhores solos da aldeia Capivara, mas também de todo o PIX e até mesmo entre os melhores solos do Brasil.

O mapa de Solos da EMBRAPA-CNPS (ex SNLCS, Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos), aponta dois grupamentos principais de solos para a região da aldeia Capivara:

a) Solo Gley Distrófico, associado com Areias Quartzosas (Gd+ Qgd)

b) Latossolo Amarelo Distrófico, associado com Areias Quartzosas (Lad+ Qd), podendo ainda ocorrer associações com Latossolo Vermelho Amarelo Distrófico ou ainda Podzólico Vermelho Amarelo Distrófico (Tb).

Pode-se notar que o caráter distrófico acompanha todos os solos apontados pelo mapa. Distrófico, significa baixa fertilidade e presença de Alumínio (Al). Aparentemente, não foram realizados levantamentos específicos pelo pessoal do CNPS (ex SNLCS), que pudesse indicar a existência dessas manchas de alta fertilidade, podem ser muito pequenas e de pouca significância para a economi/agricultura do país, pode até mesmo escapar a um levantamento pedológico, mas não escapam a perspicácia dos Kayabí, que conseguem localizar e explorar, com habilidade e maestria, essas manchas de fertilidade.

É muito interessante notar que os Kayabiafirmam com muita segurança “Essa terra só presta para mandioca “ e os resultados laboratoriais, mostraram solos distróficos e até álicos, onde planta-se mandioca, mas outros de elevada fertilidade, onde plantam-se culturas mais nobres, que necessitam de um solo melhor. Os Kayabichamam esses solos de “Terra Preta”. Não trata-se de solo orgânico, é na verdade um tipo de solo mais escuro (5,0 YR), enquanto os solos de mandioca (mais pobres), apresentam a cor na faixa do 7,5 e10 YR.

Seria muito interessante ampliar esse estudo ligado a lógica de escolha do solo a ser cultivado. Como percebem os Kayabí, que uma determinada área tem a “ Terra Preta “? Somente nessas áreas realizam seus policultivos e cultivos mais exigentes. Seria necessário aprofundar esses estudos. Até agora o conhecimento científico de fertilidade química dos solos está confirmando a etnopedologia e etnofertilidade dos Kayabí.

Yawarí, numa conversa sobre a escolha da área a ser cultivada e após uma breve descrição sobre como o conhecimento científico “do branco” tenta entender a natureza, ele

respondeu : “O branco é besta mesmo, não sabe nada, nós sabemos qual é a terra boa”. Depois falou de alguns indicadores de fertilidade do solo, que seriam algumas espécies de árvores, conhecidas em Kayabi como : YTYTA’ ÊP e YTUÁ’ ÊP, as quais não produzem madeira de qualidade, nem mesmo frutos comestíveis. Dominar esse conhecimento, parecer ser a chave para começarmos a entender o mundo mágico da etnopedologia e etnopedofertilidade dos Kayabi.

Outras árvores também importantes, são o CEDRO (Morop’~up) a ITAÚBA (Kaminá’~up). Segundo Yawarí, no Rio Tatuí tem madeira melhor do que no Rio Xingu, em alguns locais ainda há MOGNO, mas noutros, já foi totalmente explorado.

Outro detalhe interessante que liga a questão das árvores com a fertilidade do solo, é que os Kayabi plantam seus cultivos mais exigentes próximos aos troncos de árvores, na perspectiva de liberação de nutrientes. Aparentemente, pode tratar-se de uma atitude equivocada, pois o tronco levaria muito tempo para liberar nutrientes, mas é possível especular que nas proximidades de grandes árvores, possa haver uma grande quantidade de nutrientes, trazido à superfície durante muitos anos (15 a 30), num verdadeiro processo de “bombeamento” do sub-solo à superfície.

Ainda resta lembrar que quanto a formação das chamadas “Terras Pretas”, Posey (1986) afirmou que poderia haver uma estreita ligação entre a atividade antropogênica (indígena) e a formação dessas manchas de fertilidade. Também esse autor ressaltou a importância da ação humana na formação e na biodiversidade das florestas. Os solos chamados “Terra Preta”, são exatamente aqueles que apresentaram os resultados surpreendentemente altos de fertilidade química, embora não existam evidências de que aquilo que os Kayabi chamam de “ Terra Preta “ tenha algo a ver com o que Posey considera em seu trabalho. Aparentemente trata-se de um tipo de solo orgânico, onde encontram-se resquícios de civilizações antigas (restos de cerâmica, etc). No caso dos Kayabi, é preciso estudar melhor essa hipótese.

9. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

1) O sistema agrícola Kayabi praticado na aldeia Capivara é bastante complexo e diversificado. Para um melhor entendimento deste sistema é necessário um acompanhamento contínuo e sistemático ao longo do ano. Assim, faz-se necessária uma visita as roças Kayabi no período de pleno crescimento (dez/fev) para acompanhar o vigor dos policultivos e o desenvolvimento das roças de mandioca a fim, entre outras coisas, de comparar com as expectativas sugeridas pela análise dos solos;

2) É necessária uma visita ao rio dos Peixes (Tatuy) e ao Teles Pires para conhecer o ecossistema de origem dos Kayabi, assim como a agricultura lá cultivada.

3) De acordo com as análises preliminares dos solos constatamos que estes são adequados a produção agrícola, havendo inclusive manchas surpreendentemente muito férteis e outros praticamente inférteis, mas que são usados para a produção de mandioca que se adapta bem aos mesmos. Contudo, é preciso aprofundar os estudos relativos a etnopedologia bem como a etnobotânica e a etnoentomologia para uma melhor compreensão do sistema agrícola Kayabi;

4) A partir do conhecimento do sistema agrícola Kayabi será possível estabelecer um diálogo com a ciência agrônômica ocidental e com a agroecologia buscando avançar na direção de uma maior sustentabilidade e estabilidade da produção agrícola;

5) Não foram observadas restrições à produção agrícola ocasionadas por pragas ou escassez de solos. Não há ameaças de falta de alimentos (naturais ou cultivados), havendo até mesmo alguma fartura. No caso das matérias primas para confecção das peças do artesanato a situação é um pouco diferente. Alguns materiais como a madeira para os arcos e bordunas tem de vir da região do rio dos Peixes. As taquarinhas e tintas para os trançados também têm se tornado escassos, o mesmo acontecendo com as penas de arara utilizadas nas coifas e cocares. A palha para a cobertura das casas ainda pode ser encontrada a uma distância de uns dois quilômetros da aldeia, mas certamente a reserva existente não suportará um uso mais intensivo. A construção de uma casa pequena (não tradicional)

necessita de cerca de 40 a 50 pés de palmeira inajá para sua cobertura, enquanto na casa grande existente na aldeia foi empregado uma quantidade quatro vezes maior. É necessário que em próximas viagens seja realizado um levantamento preciso da área existente nas proximades da aldeia cobertas com palmeiras inajá, a fim de que se possa pensar em um plano de manejo desta planta muito importante para os índios e cuja escassez tem se tornado um grande problema em algumas áreas indígenas (cf. Balée 1994).

BIBLIOGRAFIA

BALÉE, William.

1984 - Footprints of the Forest. Columbia Univ. Press, New York.

CARNEIRO, Robert.

1985 - Slash-and-burn cultivation among Kuikuru and its implications for cultural development in the Amazon basin. In: Native South Americans: Ethnology of the least known continent, edited by P. Lyon. Waveland Press, Prospect Heights, Illinois.

1987 - Village splitting as a function of population size. In: Themes in Ethnology and Culture History, Essays in Honor of David F. Aberle, Edited by L. Donald. Folklore Institute.

CHAGNON, N.

1968 - Yanomamo Social Organization and Warfare. In: War: the Anthropology of Armed Conflict and Aggression, edited by M. Fried, M. Harris and R. Murphy. The Natural History Press, Garden city.

GRUNBERG, Georg.

1967 (1996) - "Die materielle Kultur der Kayabi-Indianer", In: Archiv für Volkerkunde, 21 (versão traduzida não publicada).

1969 - Contribuição para Etnografia dos Kayabi do Brasil Central. Tese de Doutorado, Viena (versão traduzida).

HECKENBERGER, Michael.

1996 - War and Peace in the Shadow of Empire: Sociopolitical Change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia, A.D. 1400-2000. Phd Thesis. University of Pittsburgh.

NIMUENDAJÚ, Curt.

1948 - "The Cayabí, Tapayuna and Apiacá". Handbook of South American Indians. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, vol. 3: 307-320.

OAKDALE, Suzanne.

1996 - The Power of Experience: Agency and Identity in Kayabi Healing and Political Process in the Xingu Indigenous Park. Phd Thesis, Univ. of Chicago.

OPAN.

1995 - Estudo das potencialidades e do manejo dos recursos naturais na área indígena Enawene-Nawe. Cuiabá.

SOUZA, Antonio Pyrineus de.

1916 - Exploração do rio Paranatinga 1915-16. Comissão de Linhas Telegráficas, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Berta.

1979 - Diário do Xingu. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

1984/85 - Tecelãs Tupi do Xingu. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v,27/28.

SCHMIDT, Max.

1942 - Los Kayabis en Matto-Grosso. Revista de la Sociedade Científica del Paraguay. Asunción.

SILVA, Geraldo Mosimann da

1996 - Aspectos da agricultura indígena no médio Xingu, MT. Instituto Socioambiental, São Paulo.

TRAVASSOS, Elizabeth.

1984 - Xamanismo e música entre os Kayabi. Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, UFRJ. Rio de Janeiro.

VILLAS BÔAS, Claudio.

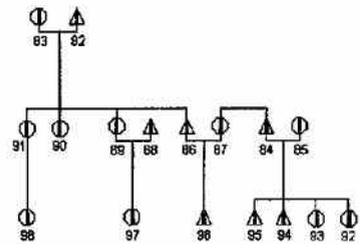
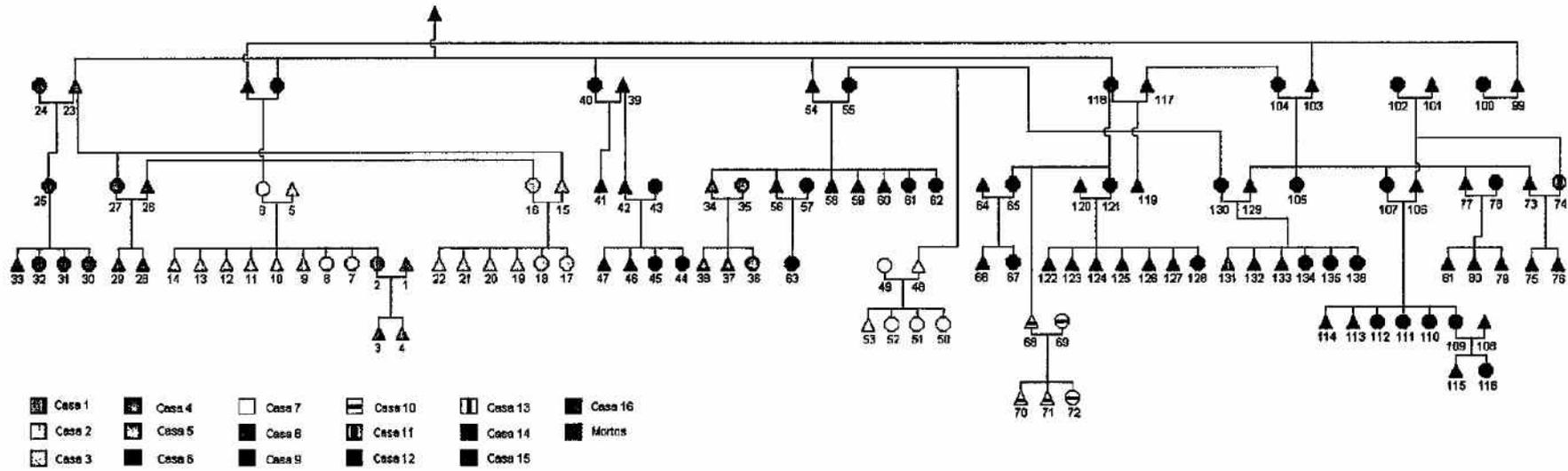
1989 - Xingu: Os Kayabi do Rio São Manoel. Ed. Kuarup.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo.

1986 - Araweté: os deuses canibais. Jorge Zahar Editor/ANPOCS. Rio de Janeiro.

ANEXOS
(Fotos/Mapa/Genealogia)

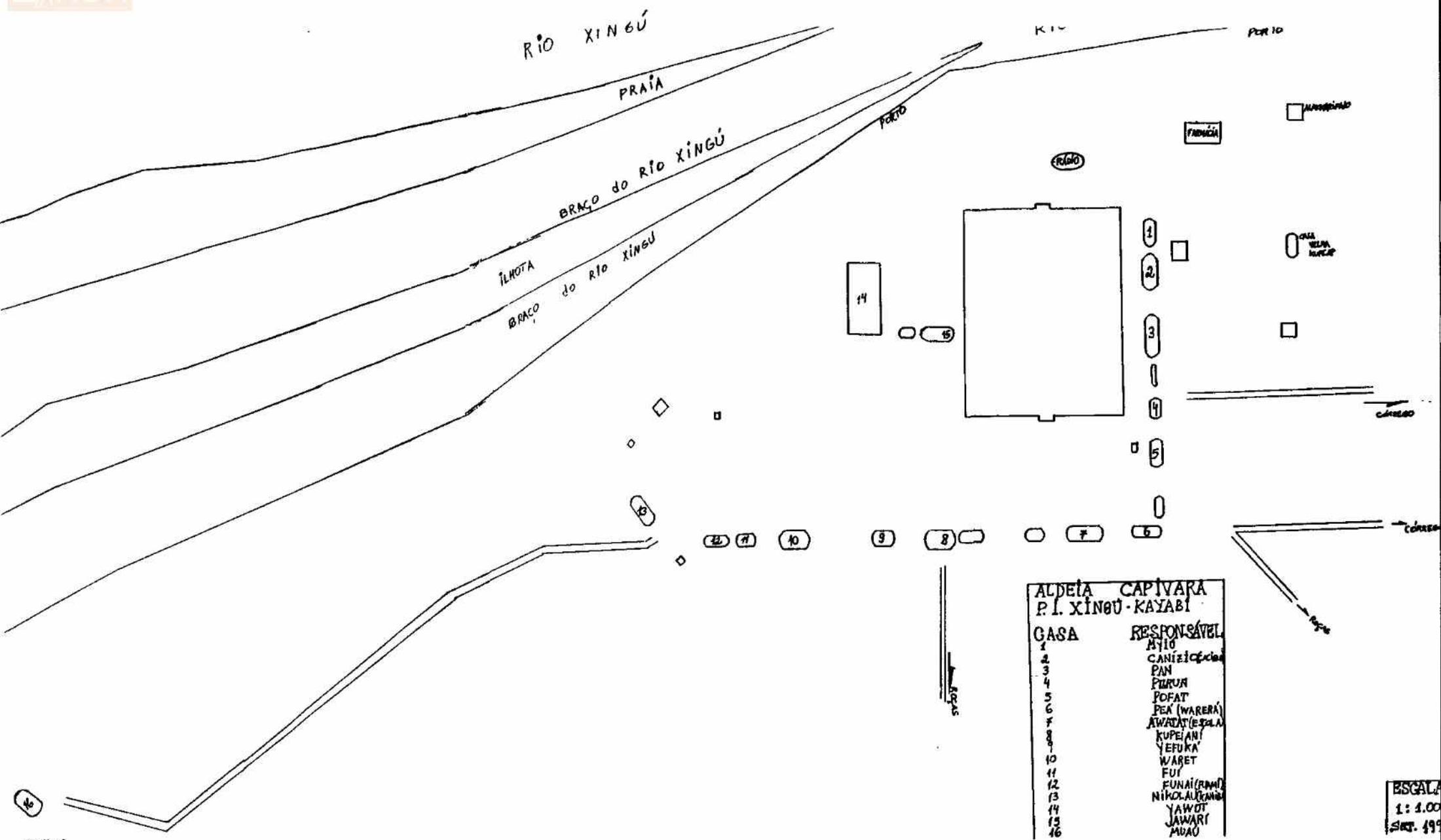
ALDEIA CAPIVARA (KAYAB) - 1997
GENEALOGIA



**Lista de Nomes dos Moradores da Aldeia Capivara
Setembro/1996**

1- Jywapãñ	42- ?	83- Rosália
2- Jyweté	43- ?	84- Tauakatu
3- ?	44- ?	85- Edith
4- ?	45- ?	86- Edmar (Preto)
5- Canizio	46- ?	87- Solange
6- Moreaí	47- ?	88- Tekuá
7- Kwaií	48- Awatat	89- Edwiges
8- Kuianap	49- Yuví	90- Beatriz
9- Twikan	50- ?	91- Fátima
10- Towaiani	51- ?	92- ?
11- Kaiani	52- ?	93- ?
12- Tsirawyt (Panani)	53- ?	94- ?
13- Yari	54- Kupeianin	95- ?
14- Tsiraô (Porokó)	55- Reá	96- ?
15- Pan	56- Yemi	97- ?
16- Arawy	57- Katuewi	98- ?
17- Katuawup	58- Syratyp	99- Pié
18- Kyriap	59- Kyryaewi	100- Tewit
19- Yurukani	60- Itaikaré	101- Kainan
20- Tapuré	61- ?	102- Kunhaiup
21- Mayu	62- ?	103- Takapeanin
22- Tawani	63- Rywuit	104- Yuweaí
23- Kupeap	64- Yefuká	105- Yakatuí
24- Kuaiú	65- ?	106- Yawot
25- Kaywy	66- ?	107- ?
26- Perun	67- ?	108- Jywakary
27- Iemomói	68- Yawarete	109- Kunhareaiup
28- Tanaiup	69- Yasiki	110- Tereem
29- Maiury	70- Kaiá	111- ?
30- ?	71- ?	112- Yuweaiut
31- ?	72- ?	113- Syreiup
32- ?	73- Foi	114- ?
33- ?	74- Kunharé	115- ?
34- Pofat	75- Wari	116- ?
35- ?	76- ?	117- Jawary
36- Luciana	77- Puami (Funai)	118- Taangap
37- ?	78- Yematé	119- ?
38- ?	79- Sirypui	120- Yuru
39- Peá	80- Jywap	121- Ywutan
40- Yacap	81- Syrewan	122- ?
41- ?	82- Nicolau	123- Tareá

- 124- Tsireru
125- Siryat
126- Siryaem
127- Takuim
128- Ywrapem
129- Myaõ
130- Yemó
131- Yapit
132- Putyra
133- ?
134- Yamut
135- Ywyat
136- Tomen



ALDEIA CAPIVARA
P.I. XINGÚ-KAYABI

GASA	RESPONSÁVEL
1	MIO
2	CANIELCE
3	PAN
4	FURUN
5	POFAT
6	PEA (WARERA)
7	AWAT (BELA)
8	KUPEANI
9	YEFUKA
10	WARET
11	FUI
12	FUNAI (PANA)
13	NIKOLA (PANA)
14	YAWOT
15	JAWARI
16	MUAO

ESCALA
1:1.000
SHEET. 499

FAZENDA
(2 ha em d)



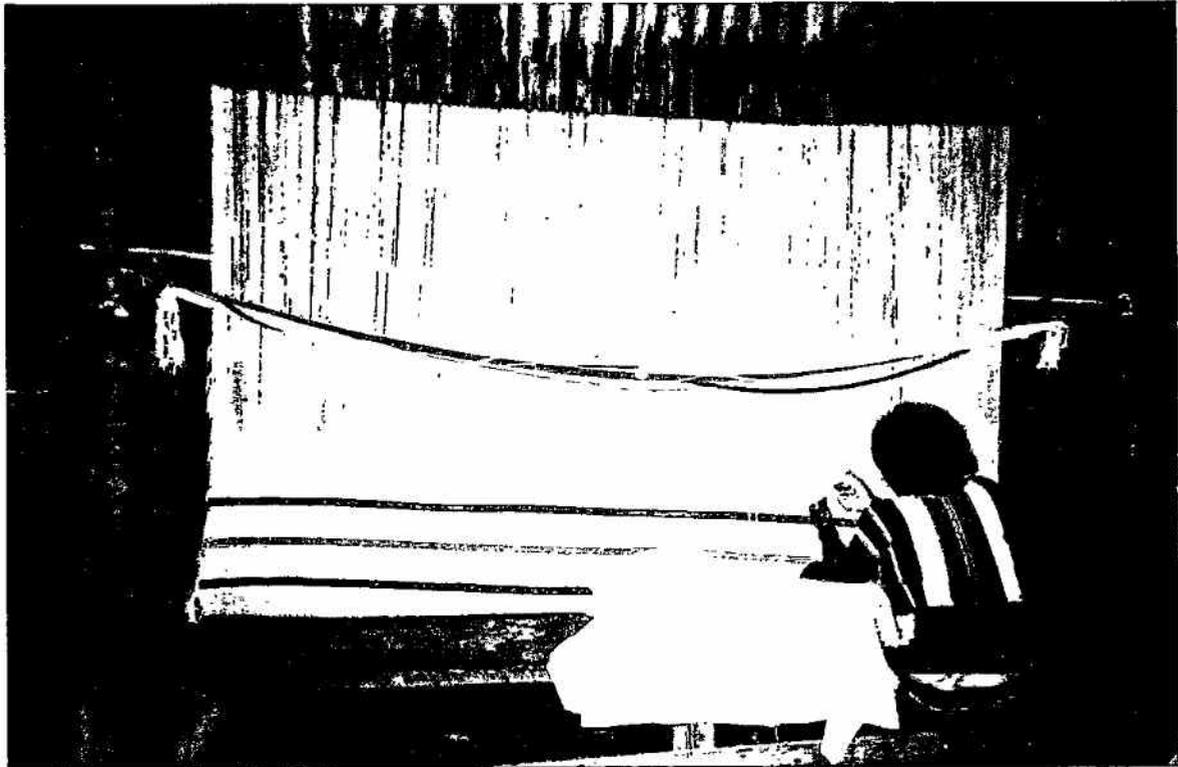
Preparação dos colares de tucum



Primeira pintura de uma peneira



Fiando o algodão e tecendo a rede





Extração e preparação da tinta utilizada na pintura das peneiras e bordunas





Áreas preparada para o plantio de mandioca



Área preparada para plantio de milho



Acampamento provisório em área de roça



Acampamento permanente em área de roça



Plantando milho



Ramas de mandioca a espera do plantio